



Animamos a colaborar bem com a distribuçom ou enviando artigos, ilustraçons, fotos e propostas. Para todo isto, um contato: ardora@bastardi.net

Inverno de 2019

Impressa em Sacauntos, cooperativa gráfica (Compostela)

O coletivo nom tem que partilhar todas as opinions aqui expostas. A intençom destas paginas é fomentar o debate e o pensamento crítico.

Se queres recebê-la na casa podes subscrever-te enviando um correio a: ardora@bastardi.net

ardoraeditora.info

Nem direitos, nem deveres.





# Ardora somos...

Ardora (s)Ediçons Anarquistas é um coletivo que nasce na Galiza, com o fim de criar um ponto de encontro entre ativistas que partilham interesses semelhantes. Um espaço confortável para o debate e a crítica, assim como umha ferramenta para a açom anarquista.

Na atualidade, as condiçons para imaginarmos, pensarmos, e praticarmos a confrontaçom revolucionária estám longe de serem favoráveis. Contodo, pensamos que Ardora pode ajudar a ligar e confrontar diferentes ideias, debates, perspetivas e propostas.

Som várias as iniciativas que estamos a construir:

- A Revista Ardora, produto chave e de maior difusom dos textos de pensamento redigidos polas nossas colaboradoras.
- Umha Editora na qual publicamos os nossos livros e fanzines.
- · O Nordês, um periódico mensal e gratuito que fazemos em colaboraçom com A Irmandade da Costa.
- Um talher de gráfica para aprendermos, investigarmos e criarmos material próprio para financiar o projeto. Calendários, agendas, serigrafia em téxtil...
- A biblioteca e arquivo para facilitarmos as leituras através de préstamos e dumha ampla oferta feita por compras e doaçons.
- A distribuidora do nosso material, com a qual também podedes colaborar oferecendo um espaço ou acompanhando-nos nos eventos que organizamos.



### Contidos · Nº4

### **Editorial**

### Insumisa

10 I «Despejos» do cámbio

#### **Vozes**

16 | O que significa ser indigena?

24 | Sobre solidariedade revolucionária

### Além

28 | Que resista a ZAD

32 | Nom ao Alto Maipo e outras reflexons sobre o entorno anárquico.

### Cinema

40 | O psicópata moralista no terror moderno

### O fio negro da história

48 | Os primórdios da resistência contra o sistema tecnoindustrial

56 | Joaquina Dorado Pita

### Chora et labora

60 | Chora e atraiçoa

### Banda desenhada

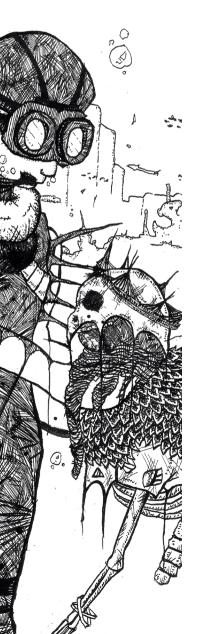
62 | Roman Spring



# Editorial

Tés na tua mao o quarto número da revista Ardora. Um número que conta com a violência dos despejos dos centros sociais okupados e com análises sobre a escravidom do mundo laboral. Com reflexons em volta de conceitos que nos constroem como comunidade e com textos que chegam redigidos do outro lado do oceano. Com contribuiçons que dam espaço ao cinema e à banda desenhada dumha perspetiva de género combativa. Neste começo de 2019 queremos voltar para animar o debate social e considerarmos de novo a palavra escrita como ferramenta útil para as mudanças sociais.

Som muitas as companheiras que com as suas reflexons convidam nestas páginas a repensarmos alguns conceitos que temos interiorizados, a analisarmos os diferentes contextos sociais e políticos em que estamos inseridas, a olharmos para onde nom querem que olhemos e a rebelar-nos. A rebelar-nos, sim, contra a ideia da necessidade do consenso. Contra a doutrina da obediência. Nestas páginas há espaço apenas para o conflito como modo de pensar-nos. Espaço para o conflito como eixo verterador para a construçom de sociedades diversas. Conflito entendido como posicionamento contra as sociedades conformadas arredor da paz social e a normalizaçom. Contra as práticas autoritárias de apagamento cultural e silenciamento político.



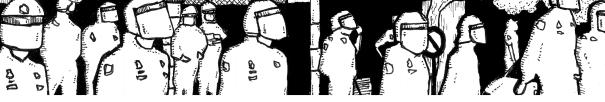
Assim é que entendemos a teoria como parte da própria prática, a palavra como portadora de pensamentos, como mais umha forma de contestaçom política e militante, mais umha ocupaçom do espaço público, mais outro coquetel incendiário.

Em Ardora (s)Ediçons Anarquistas entendemos a leitura como um ato revolucionário. Umha leitura pausada e reflexiva, um espaço em branco no ritmo frenético que exige a cultura do capitalismo. Umha prática que confronta com a primazia da vida hipertecnologizada à qual somos obrigadas a fazer parte. É por isso que a leitura se converte num tempo dificilmente aproveitável para o mercado do emprego e o capital.

Achamos que ao falarmos de ler nom estamos só a falar de decodificarmos signos gráficos e atribuirmo-lhes significados semânticos concretos. Falarmos de leitura é falarmos da interpretaçom dos signos, da rebelaçom das ideias, da dedicaçom do nosso tempo a pensarmos outras formas de vida e da ocupaçom material do espaço físico e simbólico que nos é roubado permanentemente para exercermos a açom. Também, dessa partilha em voz alta com as companheiras, de contar-nos, de cantar-nos, que é umha forma de pensar em coletivo própria das comunidades de tradiçom oral como a galega.

O tempo nom é ouro, nom, o tempo som açons, sensaçons e minutos.





# Despejos do «cámbio»

### Okupas Insumisas

No passado dia 23 de maio, o suposto "governo do cambio" da Corunha despejava com sanha e à força o Centro Social Okupado A Insumisa. Esta dinâmica e frequentada Okupa, que durante mais dum ano enchera de atividades políticas e culturais a habitualmente triste cidade herculina, pertenceu no seu começo ao Ministério de Defesa, para depois passar a depender do concelho da Corunha. Assim que foi o governo da Marea Atlántica, aqueles que no seu programa eleitoral asseguravam apoiarem e defenderem os movimentos sociais, os que mandárom a polícia local perpetrar o despejo mais repressivo, selvagem e violento que se lembra na Galiza. Cabeças rebentadas com até doze pontos de sutura, contusons que exigírom noites em observaçom hospitalária, dúzias de pessoas aporreadas e gaseadas... Por nom falar das numerosas sançons e detençons, que mesmo levárom um companheiro umha semana ao cárcere acusado de atentado e sediçom (sim, sim, como o escuitades, igualinho do que axs independentistas cataláns). Ainda que já nom há pessoas em prisom preventiva, algumhas enfrentam acusaçons que poderiam desembocar em severas penas de cárcere.

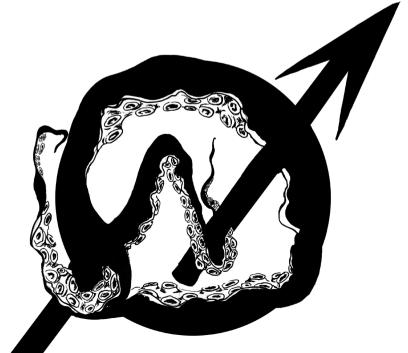
Por se todo isto fosse pouco, o despejo foi absolutamente ilegal, posto que o concelho da confluência corunhesa decidiu perpetrar o assalto do Centro Social um dia antes do prazo legal estabelecido, numha tentativa de apanhar despercebidxs axs ativistas que o defendiam. Afortunadamente os movimentos sociais da cidade mobilizárom-se de forma unânime em contra de tal infâmia, protestando diante da porta do edifício e tratando pacificamente de recuperá-lo. A resposta polícial foi brutal e desproporcionada, aporreando e gaseando axs solidarixs em diversas cargas perpetradas sucessivamente por polícias locais e

anti-distúrbios. A pesar de que duas valentes ativistas empolicárom-se durante case um dia inteiro no telhado dumha das naves do complexo, a brutalidade polícial e a obcecaçom repressiva do concelho impedírom que os movimentos sociais da Corunha recuperassem a que foi durante mais dum ano umha das suas mais importantes infraestruturas.

E para o que quereria um consistório que se di "do cambio", de esquerdas e progressista despejar um Centro Social chave para a cena alternativa e dissidente da cidade? Pois para montar eles um projeto similar e praticamente calcado, só que baixo o seu controle e direçom. Se antes se desenvolviam um sem fim de atividades de forma horizontal, assembleária e gratuita, agora eles o que querem é realizá-las de forma vertical e com um enorme custo para o erário público. De facto, contatárom com muitas das pessoas

que utilizavam o espaço para comprá-los com ajudas numha tentativa de que continuem desenvolvendo as suas atividades e obradoiros no novo centro de controle institucional (aos skaters, a usuários do ginásio como professores de break dance ou de dança...).

Mas por que quereria um governo do qual fam parte ex-okupas da mítica Casa das Atochas, como o concelheiro de Cultura Xosé Manuel Sande, o de urbanismo Xiao Varela, ou mesmo a de segurança cidadá, Rocío Fraga, responsável direta da bacanal repressiva, meter-se em tal agravo? Por que razom a esta xente nom lhes tremeu o pulso à hora de desmantelar os espaços liberados que antes diziam defender, mesmo depois de ver como despejam, aporream e até encarceram os seus antigos companheiros (e nalgum caso amigos)? Pois porque nom tivérom problemas em seguir com os olhos fechados o plano



tramado polo Partido Popular para forçá-los a realizarem o despejo.

Quando se okupou o edifício, que pertencia daquela ao Ministério de Defesa, fazia tempo que se descartara um projeto do anterior consistório do PP para convertê-lo num centro de promoçom de empreendedores. Doutra banda, as subvençons pedidas ao Ministério de Fomento para levá-lo a cabo paralisárom-se, sem visos de resurreiçom, assim chegou ao concelho o goberno da Marea. Estes, ademais, pretendiam centralizar os seus projetos sociais no edifício do antigo cárcere, onde um coletivo social leva longos anos procurando permissos e ajudas para abri-lo à cidadania. Membros do governo local inclusive afirmaram em privado que os planos para o edifício que mais tarde seria a Insumisa estavam adiados "sine die" e nom tinham nengum indício de prosperarem. Foi nesse contexto que se iniciou a okupaçom da antiga comandância de obras, que levava décadas em desuso e total abandono.

Num primeiro momento o concelho nom se mostrou hostil cara xs okupas, tentando mesmo contatos e colaboraçons que sempre fôrom rejeitados pola assembleia do centro social, em aras de conservar umha completa autonomia e independência das instituiçons e das formaçons políticas que as disputam. Mas essa inicial condescendência rematou abruptamente depois de que o edificio passasse a titularidade municipal e, sobretodo, quando o Partido Popular, que viu a oportunidade de

prejudicar a Marea Atlántica, moveu os seus contatos em Madri para ressuscitar a subvençom do Ministério de Fomento. Os conservadores pretendérom pôr o concelho perante a dicotomia de tolerar a okupaçom renunciando a umha suculenta subvencom, ou ficar com os quartos para reabilitar um edifício, que em realidade nom queriam para nada, mas botando primeiro axs okupas. A aritmética eleitoral fixo o resto: saia mui caro em votantes renunciar à subvençom em troca de manterem os seus princípios (ou os princípios que diziam ter)... assim que xs okupas a tomar polo cu! Já o dixo Groucho Marx: "estes som os meus princípios, se nom gostades tenho outros". Parece, polo que se pode ver, que na Marea Atlántica ainda seguem sendo marxistas.

Evidentemente, antes do despejo pretendérom "negociar" com a Insumisa. Mas todas as negociaçons passavam porque xs okupas tinham que ir-se. Depois, se quadra, poderiam voltar, mas a um Centro Social baixo controle institucional. Permitiria-se-lhes fazer atividades, sem cobrarem um peso, baixo supervisom de representantes institucionais cobrando um soldo por dirigirem o cotarro. Esse é o curioso conceito de autogestom que gasta o "concelho do cambio" da Corunha. Quem ia dizer que isso de "levar a política às praças" era porque botariam à rua a qualquer pessoa que protestasse.

Umha vez que os prazos para perder as subvençons ameaçavam com

esgotar-se, e nos vistos de nom poder comprar axs okupas com bonitas palavras e outras bijuterias dialéticas, à Marea Atlántica nom lhe tremeu o pulso para ativar o mecanismo repressivo. Mas como ademais de despejar e reprimir, eles pretendiam que parecesse que nom o estavam a fazer, mandárom à polícia local fazer o trabalho dos anti-distúrbios. Como o assunto ficava grande, vírom-se excedidos e realizárom a maior massacre polícial que lembra Corunha desde os tempos de Franco. Finalmente o concelho acabou chamando os anti-distúrbios para rematarem o trabalho. Conhecedores do seu oficio, continuárom inchando a hóstias o pessoal, só que desta volta apontando bem mais ao tronco e as pernas do que à cabeça; e utilizando cachiporras regulamentarias no canto de gás pimenta e porras extensíveis. O que sabe, sabe.

Da Marea Atlántica, em lugar de assumirem as suas responsabilidades, preferírom negá-lo todo. Pois nom só negárom as cargas políciais (profusamente difundidas por You-Tube) senom que até negárom o próprio despejo! Insultando a inteligência coletiva falando dum absurdo "abandono voluntário das instalaçons". A indignaçom chegou a tal ponto que até lhes rebentárom a sede a pedradas e maçaços.

Nom contentes com tanto despropósito institucional, a polícia local, baixo as ordens do concelho, começou as investigaçons que degenerárom numha cheia de detençons e imputaçons que levárom a várias pessoas aos calabouços, e a umha delas a prisom preventiva (por sediçom, nem mais nem menos! Chupa-te essa Puigdemont!). Mesmo a um bombeiro, já conhecido por negar-se no seu dia a realizar despejos, imputou-se-lhe como chefe da sedicom só por ser conhecido e ser bombeiro, já que a polícia local nom tolera que funcionários públicos se situem no outro lado da sua linha repressiva. A orgia sancionadora da Marea Atlántica chegou mesmo ao extremo de multar axs condutores que pitárom com os seus carros em solidariedade cxas que protestavam contra o despejo.

Asim estám as cousas, umha vez despejados xs okupas, e já bem amarradas as subvençons, ao governo "do cambio" corunhês passárom-selhe as presas para pôr em marcha o seu novo centro cívico (na Corunha há mais de 20) e o projeto esquece-se até o ponto de que já nom tenhem claro se será um centro juvenil ou um albergue. Ao fim e ao cabo, as suas "revolucionárias" ideias de gestom participativa do edifício nom eram mais do que umha pantalha de fume com a que debilitar o apoio dxs okupas. Nunca lhes importou nem o mais mínimo o uso social do edifício. só pretendérom afiançar os votos de centro, atalhando as críticas que lhes choveriam pola direita caso de renunciarem às ajudas maquiavélicamente desbloqueadas polo PP. Por enquanto, tanto dérom ordem à empresa concessionária da limpeza de apagar seletivamente todas as

## Ardora

pintadas que lhes recriminem a sua atuaçom; mal-versando os quartos públicos na sua particular campanha de lavado de imagem. Nom podendo borrar a sua infâmia (escrita com sangue, repressom e cárcere) preferírom acrescentá-la tratando de ocultá-la.

O movimento okupa corunhês recebeu destes canalhas o maior golpe que jamais encaixara. Mas o tempo pom a cada quem no seu lugar. A infâmia passa fatura. Que nom tenham dúvida que a okupaçom ressurgirá na Corunha e ajustará contas. Agora já caírom as máscaras.



zes



# O que significa ser indígena?

### Charo Lopes

A partir da conceçom quechua do *Sumak Kawsay* como "bom viver" da forma de vida dos povos originários da América Latina, ligado às condiçons pré-modernas de forma de vida, procuramos visibilizar alguns dos eixos antropológicos e culturais que permitiriam um bom viver indígena na realidade galega. Para além de essencialismos, a recuperaçom dos vínculos com o território e dos membros da comunidade entre sim poderiam ser revitalizados com potencial emancipador coletivo, frente conceçons cidadanistas herdeiras do iluminismo europeu.

Nom há umha universalidade do ser, mas um ser no concreto, no lugar e o tempo que nos calha. Ser galega, se ainda podemos entender isto como algo mais do que umha marca, se entendemos ser galega como umha outra lógica de onde estar no mundo, entom ser galega é ser indígena também.

Entendemos indígena como originário; aborígene. Originário de um território e de umha comunidade. Eis umha co-pertença, recíproca e caraterizadora. Devir indígena na Galiza hoje seria entom aproximar-se a essa forma de vida -ou seja, de ser- que se produz no relacionamento integral com a terra e com as outras pessoas. Construir a identidade em base à naçom (entendida como terra e comunidade) onde estamos. O Nós colhe um sentido transcendente, recuperar o que ser "povo" significa.

Ser indígena implicaria também a humildade existencial de nom pensarmo-nos por cima de nada nem de ninguém, baixar da soberba ocidental do homem branco que nunca chegamos a ser. Também a dignidade de nom pensarmo-nos por baixo: precisamente por isso nasce a atitude reivindicativa de umha identidade desprezada, a consciência e o orgulho de ser válidas.

A nossa é umha cultura com grandes eixos em comum com muitas outras culturas atlânticas. Mas com matizes e fórmulas próprias que som as que fazem cada povo diferente. Isto engloba umha cosmovisom completa, e faz parte do processo ir recuperando e construindo todo um imaginário, um outro mundo. Da forma mais respeitosa e proveitosa entre as pessoas e o entorno vivo. Ouvir a terra, reconhecer as suas necessidades e reconhecer-nos nela. Há muito que podemos restaurar da forma de vida que resiste no rural. Boa parte dessa outra lógica pré-moderna ainda se deixa ver em traços da realidade tradicional galega; som apenas três ou quatro as geraçons da rutura que está a instalar a modernidade líquida do capital. Dam pistas muito importantes a história e a antropologia, sem idealizar o passado; tradiçom nom é sinônimo de respeitável. Cumpre analisar polo miúdo e desconstruir as relaçons de opressom tradicionais, os abusos e os estigmas, mas também as infravalorizacons e silenciamentos do conhecimento tradicional, da cultural popular e das formas de vida fora da lógica tecnocientífica e patriarcal. Do minifúndio à propriedade em mao comum -montes, moinhos, pedreiras-; das relaçons de tornajeira e de ajuda mútua à democracia paroquial, como assinala Carlos Calvo<sup>1</sup>:

O paradigma da historiografia ilustrada impujo um relato segundo o qual a democracia só existiu através do Estado e a intermediação dos partidos, sendo pouco menos que descoberta pola rurália nas eleições de 1978. Oculta-se assim uma constelação de instituições democráticas populares que autogovernaram, até não há tanto, a vida de muitas paróquias do país.

O Concelho Aberto em algumhas aldeias mantivo-se vivo, com poucas variaçons, desde quatro séculos atrás até finais do século XX. Segundo recolhe o historiador Antom Santos<sup>2</sup>:

Cada domingo de manhá, à saída da missa, os representantes de cada casa (com exclusom de crianças e mulheres casadas) reunem-se a golpe de sino para tratar todos os assuntos coletivos; cada primeiro de janeiro renovam a eleiçom de um pedáneo, também chamado mordomo ou vigairo. Os primeiros tratadistas liberais espanhóis preocupárom-se enormemente com a pervivência destas formas de governo, que eram contrárias ao modelo jurídico-político constitucional nado em 1812, e desputavam a soberania ao município, organismo artificioso e parido desde a urbe, que tivo um papel fundamental no saque fiscal das comunidades labregas. Entre várias figuras senlheiras imos escolher a de 1. Calvo Varela, Carlos (2015, 15 de Junho) "Por umha arqueologia da democracia parroquial galega" www.praza.gal Disponível em: http://praza.gal/ opinion/2572/ por-uma-arqueologia-da-democracia-parroquial-galega/

2. Santos Peres, Antom (2012): "Da jeira ao Concelho Aberto, formas de autogoverno na Galiza de onte", O Golpe, revista de pensamento arredista, nº1, política e crise, 39-48 (p.44). 3. Calvo Varela, Carlos (2014, 9 de Agosto) "Aquelas festas, onde os ricos som espectadores!" www. praza.gal Disponível em: http://praza. gal/opinion/1986/ laquelas-festas-onde-os-ricos-son-espectadoresr/

4. Sobre espiritualidade resulta fundamental o trabalho dos antropólogos Marcial Gondar e Marinho Ferro, nomeadamente Gondar, Marcial (1993) [1989] Romeiros do alén, (Vigo: Xerais) e Mariño Ferro, Xosé Ramón (1995) Aparicións e Santa Compaña (Vigo: Edicións do Cumio)

Manuel Colmeiro, jurista e economista nado em Santiago em 1818 e, como tantos galego-espanhóis de sucesso, triunfador na hierarquia académica em Madrid. No seu De la constitución y del gobierno de los reinos de León y Castilla (1855) detém-se na institucionalidade autóctone das terras ocidentais peninsulares, para atacá-las sem vacilaçons. Seguindo a ortodoxia espanholista no seu particular formato decimonónico, vê as origens destes organismos populares no 'município visigodo', que continuaria assemade a tradicom romana. O primitivo 'concillium' atravessaria a Idade Média, com tensons cada vez mais abertas com o feudalismo urbano; pois som as cidades de reguengo, mais povoadas e socialmente complexas, as que começam a instalar estruturas de delegados, e a profissionalizar a autodefesa nas chamadas 'milícias concelhis'. Dado que na Galiza histórica -a velha Gallaecia- predomina a organizaçom paroquial, e umha mesta rede aldeá que inça todo o território, a forma pura e originária do 'concelho aberto' tem umha preeminência especial. Colmeiro contrapom o concelho urbano, também medieval, ao concelho rural, que qualifica propriamente como 'aberto': 'concelho era a assembleia regular e permanente dos magistrados populares, fundada no princípio da delegaçom ou mandato e distinta do concelho ou junta geral de vizinhos a que também adoitavam chamar Concelho Aberto, pois todos tinham entrada nele ao som do sino'.

A autogestom aplica-se também ao lazer; a música popular mostra

em foliadas e seráns a autoorganizaçom da festa, participativa, como aponta Carlos Calvo, "As festas tradicionais eram teatro espontâneo em que todo o mundo era ator e atriz", ligado a jeiras de trabalho, como espaço de distensom de diferenças, partilha e veículo de expressom dos princípios morais, através do juízo e do humor, assim como para a transmissom de informaçom e memória histórica.

Os ritos, a simbologia e a espiritualidade4 constroem todo esse referente "originário". Para os ritos, os símbolos e as crenças terem sentido é precisa a validaçom do grupo -a realidade é intersubjectiva- é assim como existe a confiança e a predisposiçom positiva cara estes. Cumpre analisar e valorizar as práticas rituais que mantemos ou recuperamos. De beijar-se ao encontrar-se com alguém a abençoar a mesa. Todas tenhem umha funcionalidade social. Algumhas práticas ritualizadas tradicionalmente som integradas e postas "em valor" na atualidade com o aval de um estudo científico. É assim quando se começa a falar de musicoterapia, risoterapia, aromaterapia, etc., para cousas que previamente se considerariam pejorativamente como informais ou mágicas. Estudos constatam que os passeios polo monte som bons para a saúde, ajudando em casos de autismo, alzheimer e depressom. É paradoxal como a modernidade

capitalista primeiro nos expropria a forma de vida, para depois vender-no-la como umha descoberta sua.

A língua e a forma de vida rural som as formas mais identificáveis em que se concreta a cosmovisom galega, e ambas estám em perigo de extinçom. O idioma contém muitas chaves que dam para aprofundar na pesquisa e ir construindo e reconstruindo a identidade de nosso. As verdades direitas por regos bem tortos da fala na Galiza tem dado para desprezo e ridiculizaçom<sup>5</sup>. Ânalisando algumhas das caraterísticas julgadas de "dubitativas", Olalha Barro encontra traços paralelos entre o galego e o tojolabal com respeito à relaçom de dependência entre a primeira e a segunda pessoa; a conhecida máxima zapatista de mandar-obedecendo, esse eu falo-porque-tu escuitas. Trazendo-o à nossa língua, achega-se à retórica de respostar perguntando. Ela pom o seguinte exemplo: "nom é infrequente chegar à casa de alguém, e à pergunta de se queremos um café, respostarmos; bom, se o vas fazer?" Deixar na outra pessoa a condiçom da nossa resposta. Este, que bem pode ser um traço com tintes em parte coloniais -por falta de assertividade- tem também muito de interessante para a construçom de umha outra maneira de nos relacionar mais empática e dialógica.

#### FALAR DE POVO ORIGINÁRIO NA GALIZA. É ISSO UM ESSEN-CIALISMO?

Os povos, como as pessoas, som dinâmicos. Polo tanto, é materialmente impossível "retroceder" a um momento "original". O vivido e a história que já foi conforma-nos irremediavelmente, e também nos ensina. Em base à experiência, podemos fazer escolhas. Há muito que revisar na nossa tradiçom, e nom por qualquer costume estar arraigado merece ser respeitado. O que temos é que consensuar qual é o critério polo que queremos reger-nos, se aceitamos uns princípios morais de justiça e liberdade, o processo consistiria em aplicá-los à forma de vida que se ajusta mais respeitosa e beneficiosamente, de forma recíproca, entre o território e as pessoas.

Essencialista seria achar que nom é possível "recriar" umha forma de vida vindo doutro lugar.

A terra dá o resto das pistas para caminhar cara um vínculo fundo, com a terra, entre as pessoas e com o resto de animais neste lugar. Cumpre ir experimentando até situarmo-nos num equilíbrio saudável para o planeta, e portanto, para todas nós. Decrescer faz-se imprescindível para umha coexistência justa<sup>6</sup>. O aproveitamento florestal, os cultivos mais ajeitados, algumhas formas de divisom da terra e do trabalho...

5. nom se sabe se sobem ou baixam, respostam com preguntas, nom se sabe se estám de broma ou estám a sério, falam de aquelar, de cousos, o que é isso?...

6. Para umha primeira aproximaçom ao decrescimento, veja-se Taibo, Carlos (2011) El decrecimiento explicado con sencillez, (Madrid, Ed. Catarata) 7. Mourelo Peres, Mariola e Toxo, A. (2013) "Construíndo processos de poder feminista para transformar a economia", O Golpe, revista de pensamento arredista, n°2, economia e crise, 33-40.

8. Da traduçom do Sumak Kawsay, ou "viver em plenitude" das culturas originárias da América Latina, fundamentalmente no Equador e Bolívia. Referenciado -em sentido amplo- como: saber comer, saber beber. saber dancar, saber durmir, saber trabalhar, saber meditar, saber pensar-sentir, saber amar e ser amada. saber escuitar, saber falar, saber caminhar e saber dar e receber.

9. Calvo Varela, Carlos (2014, 13 de Novembro) John Steinbeck e a antropologia do tractor, www.praza.gal. Disponível em: http://praza. gal/opinion/2142/ john-steinbeck-e-a-antropologia-do-tractor/ Cumpre para recuperar este conhecimento pôr atencom, escuita ativa e tempo. A volta ao rural, a aposta pola autogestom e a perda de protagonismo dos espaços de intervencom institucionais e propaganda política clássicos forom riscados por alguns sectores como "abandono" do barco da luita; de fugir ao enfrentamento do contexto hostil que nos tocou e criar um "locus amoenus" em que pazer longe do conflito. Mas polo contrário, trata-se de construir umha trincheira forte, a comunidade é o alicerce tanto para o enfrentamento e a autodefesa capaz, como para o resto da vida, que neste momento temos practicamente entregada à dominaçom biopolítica do inimigo. Qualquer enfrontamento ao estabelecido, com vontade de superaçom, deve definir umha construçom sólida e gratificante da alternativa.

## O que deve aportar a comunidade?

A cobertura da vida, nem mais nem menos! Como se perguntam as ativistas Mariola Mourelo e A. Toxo "Qual é a vida que merece a pena ser vivida pra nós?" Garantir a sobrevivência digna, e nom só: a comunidade devera determinar o que significa o "bom viver" e quais som as formas em que melhor se ajusta a "vida em plenitude" ao território, ao momento histórico e às capacidades e potencialidades do povo. "A Naçom poderia ser apenas isto: a consti-

tuiçom em força de umha sensibilidade.", diz um texto anônimo publicado no primeiro número da revista de pensamento arredista O Golpe.

O alicerce da cooperaçom é saber-nos interdependentes. E em base a isto, criar alianças, lugares de encontro para resolver as próprias necessidades da forma mais eficiente e grata, num processo de aprendizagem e empoderamento imprescindível num momento histórico de infantilizacom e falta de autonomia como nunca antes. Os vínculos criados na cooperaçom quotidiana em projetos que nos estimulam e cubrem necessidades e os acordos derivados deles som a nova legitimidade, uns novos referentes. Uns vínculos fortes suponhem umhas "instituiçons" fortes. Umha realidade paralela ao Estado cada vez mais sólida. Onde se trabalhe a equidade e o estabelecimento de relaçons horizontais, onde a lealdade tenha um sentido transcendente, se cultive a saúde física e mental de umha lógica preventiva, e onde se viva num contorno ecológico e integral de recuperaçom da comunicaçom com a terra. Para o antropólogo Carlos Calvo: "a terra para o labrego nunca tem o valor de mercado, a terra é a genealogia espacializada da Casa: eis que por respeito aos velhos nom se poda vender"9 e descreve o arraigo camponês à terra como um vínculo biográfico: "a biografia

labrega nom se inscreve tanto na história quanto no espaço, na terra. Perder esse densíssimo marco de referências –a saturaçom microtoponímica é indicadora da sua importância- é ao labrego o que ao citadino a perda do álbum familiar de fotografias"<sup>10</sup>

A plenitude e o bom viver em que entendemos se baseia a vida indígena implicaria a sintonia entre a cobertura das necessidades grupais e as realizaçons pessoais individuais dos membros. Respeitando a diversidade, as vocaçons múltiples e as habilidades e capacidades diversas. Mas num coletivo coeso, a realizaçom individual projeta-se e repercute -em maior ou menor medida- no benefício comum. e multiplica-se exponencialmente mediante a cooperaçom. Idealmente, ademais, é estimulante a resoluçom das atividades ligadas à sobrevivência em dinâmicas o mais prazenteiras possíveis. Cousa que tradicionalmente vem-se fazendo ao relacionar os trabalhos mais duros com celebracons festivas de reforço grupal.

Cumpre neste caminho ter presentes as vontades e os desejos, analisar e questionar os atuais, e ir trabalhando cara onde quereríamos estar. Eis a reconstruçom da tribo. Desenvolver a criaçom e recuperaçom do imaginário próprio: produzir umha subjectividade antagonista. E isto só é possível mediante a construçom e

recuperaçom do mundo material próprio. De outras formas de produçom e reproduçom social. De outras formas de relacionamento. De anticapitalismo activo. Um dos eixos estratégicos é a saída do trabalho assalariado<sup>11</sup>.

Diversos estudos etnográficos, ainda cientes da inexistência em outras sociedades de umha categoria como a de "trabalho", separada do resto da vida social, quantificárom o tempo que diversos povos dedicam às tarefas de manutencom material. Os bosquímanos !kung do deserto do Calaari e os horticultores ameríndios trabalham de média menos de quatro horas diárias. J. Lizot cifrou em pouco mais de três o que trabalhavam os ianomâmis do Amazonas venezuelano, concluindo que "o desprezo dos ianomâmis polo trabalho e o seu dessinteresse por um progresso tecnológico autónomo é um facto". Pierre Clostres, que viveu com as guajaquis na selva paraguaia, assinala que "passam polo menos a metade do dia num ócio quase completo, já que a caça e a recoleçom situavam-se entre as 6 e as 11 da manhá aproximadamente, e nom todos os dias.

Deixar de enviar mao de obra para as empresas do capital, aqui ou no estrangeiro, ou para o corpo funcionarial do Estado. Nom tanto porque isto represente um "boicote" para o inimigo -que tem excedente de pessoal agora mesmo-, mas pola perda de energia potencial que implica nos sectores populares predispostos cara a mudança, entregar as vi10. "Calvo Varela, Carlos (2014, 14 de Dezembro) "Sociologia dos marcos" www.praza. gal Disponível em: http://praza.gal/ opinion/2200/sociologia-dos-marcos/

11. Calvo Varela, Carlos (2013) "Alguns apontamentos para desertar do deserto", O Golpe, revista de pensamento arredista, nº2, economia e crise, 45-53.

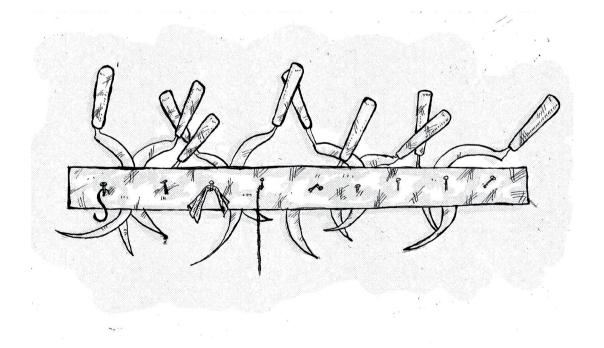
12. Evans Pim, Joam (2015, 04 de Novembro) "Decidem por nós e chamamos-lhe democracia: por um municipalismo comuneiro", revista digital 15/15/15. Disponível em https://www.15-15-15.org/webzine/2015/10/04/decidem-por-nos-e-chamamos-lhe-democracia-por-um-municipalismo-comuneiro/

13. Bom exemplo disto é a capacidade e a potencialidade da Cooperativa Integral catalá. Iniciativa en transició per a la transformació social des de baix, mitjançant l'autogestió, l'autoorganització i el treball en xarxa. Ver mais em www.cooperativa.cat

das a fazer funcionar a roda do moinho alheio.<sup>12</sup>

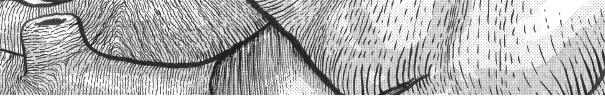
Seguindo a sugestão de Trainer (2010) de assumir o princípio tático de não combater diretamente o capitalismo, a via da não confrontação implica ignorar e evitar o estado (espanhol, galego ou europeu) tanto quanto possível, enquanto se constroem práticas e institucionalidades alternativas, em ressonância com o conceito de transformação diagonal de Antonio Negri ou de Zona Autónoma Permanente de Hakim Bey.

No momento em que nos pomos maos à obra a construir os nossos próprios meios, quando entregamos a quantidade de tempo e esforço que pelo geral deixamos nos postos de trabalho -ou no esforço por chegar a eles-, entom os nossos projetos funcionam, e quando a nossa subsistência está ligada a eles, funcionam e mantêm-se<sup>13</sup>; consolidam-se. Isto nom é nada novo, já que a meirande parte da história do nosso país -e dos demais provavelmente também- aconteceu assim, no local e na autogestom. A comunidade assumiu em variados e múltiplos exemplos, próprios ou de outras culturas, a resoluçom democrática e participativa das necessidades e dificuldades grupais. É ir fazendo.



#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Calvo Varela, Carlos (2014, 14 de Dezembro) "Sociologia dos marcos" www.praza.gal Disponível em: http://praza.gal/opinion/2200/sociologia-dos-marcos/
- · Calvo Varela, Carlos (2015, 15 de Junho) "Por umha arqueologia da democracia parroquial galega" www.praza.gal Disponível em: http://praza.gal/opinion/2572/por-uma-arqueologia-da-democracia-parroquial-galega/
- · Calvo Varela, Carlos (2014, 9 de Agosto) "Aquelas festas, onde os ricos som espectadores!" www.praza.gal Disponível em: http://praza.gal/opinion/1986/laquelas-festas-onde-os-ricos-son-espectadoresr/
- Calvo Varela, Carlos (2014, 13 de Novembro) John Steinbeck e a antropologia do tractor, www.praza.gal Disponível em: http://praza.gal/opinion/2142/john-steinbeck-e-a-antropologia-do-tractor/
- · Santos Peres, Antom (2012): "Da jeira ao Concelho Aberto, formas de autogoverno na Galiza de onte", O Golpe, revista de pensamento arredista, nº1, política e crise, 39-48.
- Mourelo Peres, Mariola e Toxo, A. (2013) "Construíndo processos de poder feminista para transformar a economia", O Golpe, revista de pensamento arredista, nº2, economia e crise, 33-40.
- · Calvo Varela, Carlos (2013) "Alguns apontamentos para desertar do deserto", O Golpe, revista de pensamento arredista, nº2, economia e crise, 45-53.
- Evans Pim, Joam (2015, 04 de Novembro) "Decidem por nós e chamamos-lhe democracia: por um municipalismo comuneiro", revista digital 15/15/15. Disponível em https://www.15-15-15.org/webzine/2015/10/04/decidem-por-nos-e-chamamos-lhe-democracia-por-um-municipalismo-comuneiro/
- · Gondar, Marcial (1993) [1989] Romeiros do alén, (Vigo: Xerais)
- Taibo, Carlos (2011) El descrecimiento explicado con sencillez, (Madrid, Ed. Catarata)
- Mariño Ferro, Xosé Ramón (1995) Aparicións e Santa Compaña (Vigo: Edicións do Cumio)



# Sobre solidariedade revolucionária

### Polykarpos Georgiadis

I. Solidariedade nom é apenas umha ajuda legal e económica. Ao introduzir a solidariedade no contexto da legalidade burguesa, quando os seus limites som determinados por cláusulas do Código Penal, quando caminha na corda bamba entre a inocência e a culpabilidade, quando é limitada aos tribunais fechados da justica de classe, esta é automaticamente debilitada e apagada até o ponto de tirar com a sua essêntransformando-a numha acom convencional, mecânica, e processadora.

> A solidariedade nom pode depender de fórmulas legais burguesas nem de dupla moral dominante que, por doce verborreia humanista, trate de silenciar a realidade butal da aplicaçom do darwinismo social. A solidariedade realiza-se só quando baseada num código ético re

volucionário, derivando-se bem do individuo (de cada revolucionária e cada rebelde) como do coletivo (do movimento radical anti-sistema). Esse código ético que alimenta a açom revolucionária nom está determinado segundo a retórica do poder estatal e do seu arsenal legal.

Finalmente, a solidariedade, como açom revolucionária, nom é "legalista" ou "ilegalista", senom que ultrapassa falsos dilemas de moralidade burguesa.

II. A solidariedade humanitária pode ser aceitada em muitos dos casos, mas nom deixa de ser incapaz de livrar-se dos limites asfixiantes do sofrimento social existente. A solidariedade humanitária (expressada principalmente através da esquerda sistémica), luita polo embelezamento da brutalidade, polas melhores condiçons da massacre. Nom há dúvidas sobre a sinceridade das pessoas humanistas —cristáns ou esquerdistas—. Porém, os seus argumentos som insuficientes.

III. Solidariedade nom é reflexionar sobre slogans e frases mecanicamente repetidas, nem a repetiçom contínua de palavras como conjuro de mantras. As palavras som harmónicas quando som pronunciadas num espaço e tempo reais, entre companheiras auténticas, mas, em simultâneo, as mesmas palavras som vulgarizadas quando som pronunciadas por profissionais, contadores, ou vendedores ambulantes, da solidariedade que dam a um valor de câmbio e regateiam como um produto de comércio precioso no supermercado da mais-valia política.

A solidariedade logo nom inclui nem exclui os indivíduos, baseados em conhecidos e amizades pessoais ou a depender das procuras e sabores particulares de cada grupo individual ou político.

A solidariedade para umha combatente social presa é simultaneamente solidariedade com todas as pessoas, e vice-versa.

IV. Doutra banda, contudo, a solidariedade é umha relaçom de interaçom e nom de carta branca para a pessoa presa. As obrigaçons e

deveres nom correspondem só a quem estám fora dos muros da prisom. A constância e a responsabilidade, a dignidade, umha posiçom clara e a participaçom (no possível, já que o encerro nom oferece um campo ilimitado para a participaçom...) deveram ligar na prática a pessoa presa com o movimento de solidariedade (que nom é do que o movimento revolucionário radical). Porém, a combatividade e a negaçom de fazer qualquer trato esclarecem-se na posiçom fruto da responsabilidade individual, nom da adoraçom da aparência enganosa do estilo de vida do delinquente e dumha anarquia à valentona.

A pessoa presa nom é umha espécie protegida que pode atuar como achar bem. Caso essa pessoa se quiger constituir-se como elemento vivo do movimento revolucionário, terá que estar aberta à crítica e deverá manter umha posiçom anarquista dentro da prisom.

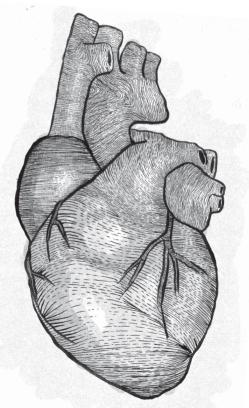
V. A solidariedade é umha parte da açom global, coletiva e revolucionária para a destruçom da sociedade hierárquica de classes. Nom pode ser entendida como um projeto separado da luita pola destruiçom do poder. Finalmente, a solidariedade é revolucionária ou nom é nada. Nom podemos veê-la como parte separada da açom revolucionária, senom apenas como conjunto insepará-

## **Ardora**

vel, força incessante que, durante a açom conjunta, coordene e arme negaçons ailhadas e fragmentadas. Mas, para além disso, ou sobretudo, a solidariedade (com companheiras detidas, e em sentido mais abrangente) é a crítica a umha sociedade retirada na "vida privada", no cuidado de si próprios, na resignaçom e na canibalizaçom.

VI. A solidariedade para as combatentes sociais presos é um subconjunto da solidariedade revolucionária mais ampla, de solidariedade que quer expandir-se e converter-se na relaçom social dominante nas ruínas da civilizaçom autoritária. É a chave para a construçom dumha sociedade sem classes. Nom podemos aguardar a que dos céus comece a chover a revoluçom. O amanhá está sem inventar e esse é trabalho para hoje.

VII. A solidariedade é a nossa arma! Mas para a utilizar tem de ser carregada.







# Que resista a ZAD

### Rocio Fandiño Ricart

Em 17 de Janeiro de 2018 o governo francês anunciava o abandono do projeto de construçom de um aeroporto nas terras agrícolas da regiom de Notre-Dame-des-Landes, perto de Nantes. Em paralelo, preparava operaçons de despejo de grande magnitude dos assentamentos de resistência que centos de ativistas criárom na chamada «Zona a defender», ZAD. Esta ocupaçom de terrenos contra o aeroporto permanece desde 2009, sofrendo tentativas de despejo nos anos 2012 e 2013. O que vem a seguir é umha achega dumha pessoa que acudiu à chamada solidária perante umha nova tentativa de despejo no passado mês de abril. A dia de hoje a ZAD segue em pé de luita.

Nom me sinto com a legitimidade para escrever sobre a «ZAD» como projeto político pola simples razom de nom fazer parte dele, o que vou a escrever é a experiência de umha pessoa que acudiu como solidária ante o berro de auxílio das zadistas como tantas outras figeram, penso que é importante visibilizar a brutal repressom dos 2500 gendarmes que o estado francês mobilizou para aquelas florestas em Notre-Dame-des-Landes, esta é a minha experiência e reflexom que ali surgiu.

ZAD som as siglas de Zona a Defender. Na década de 60 o estado francês decide que a pesar da existência de um aeroporto em Nantes, é necessário mais um outro a menos de 30 km de distância.

Começa a auto-organizaçom dos camponeses dando lugar a coletivos como a ADECA (Associaçom de Agricultores Afectados polo Aeroporto) e outros movimentos que pretendem frenar o processo, inicia-se umha prova de força entre o neoliberalismo e o decrescimento que nom remata a dia de hoje.

Em 2000 fai-se um apelo à ocupaçom das casas vazias e terrenos. Pouco a pouco vám chegando solidárias de toda a Europa para ficar a viver sobre o território em luita. O que começa como a defesa de um espaço natural transforma-se num projeto autogerido libertário (na maioria dos casos) à margem do estado na procura de umha nova forma de relacionar-se com o entorno e interpessoalmente.

Escrever sobre a ZAD é complexo, já que é um projeto que tem já muitos anos e que agrupa muitos colectivos diversos com pensamentos mui diferentes. Cria-se umha luita transversal entre correntes como o feminismo, veganismo, antiespecismo, primitivismo, insurrecionalismo, novo campesinato e ecologismo, e isto fai mui complicado gerir estratégias num marco de luita.

A situaçom é extremadamente violenta, impressiona muito chegar e atravessar ruas de 2 kms em linha recta com mais de 30 barricadas (algumhas de mais de 3 metros de altura com carros, barcos acima, de todo...) umha trás de outra, ver as casas das zadistas destruídas e outras a meio reconstruir...

A dinâmica dos dias é a de destruiçom e reconstruçom contínua de edifícios, barricadas ou outras infraestruturas... que formam o povo da ZAD.

A polícia bloqueia as entradas e proíbe o acesso aos médios para invisibilizar a brutal repressom que leva a cabo.

O exército de 2500 gendarmes está apoiado ademais por cans treinados, tanquetas, camions com canons de água misturada com gases lacrimógenos, helicópteros a sobrevoar a zona e drons que voam a poucos metros de altura tentando realizar identificaçons (no campo custa-lhes bem mais levar a cabo arrestos).

Nom só utilizam porras ou granadas aturdidoras, os gases lacrimógenos som umha constante, afogam-te e queimam os olhos, às vezes a sensaçom é tam forte que fam vomitar, outras tes que respirar amoníaco para sentir que nom vas perder o sentido, por sorte há muitas solidárias que exercem a medicina preparadas para ajudar. Também atiram gases paralisantes e granadas F4 ilegalmente (proibidas a raiz da morte de um rapaz no 2013), estas últimas som talvez as que mais impressionan, o seu som é mui forte e ver como levantam o chao... paralisam muitas pessoas, som mui perigosas e nom só pola explosom, umha das companheiras com as que viajei ficou ferida polo recobrimento de plástico da F4 que se lhe incrustou numha perna em forma de metralha, matando-lhe os nervios e deixando-lhe várias feridas que limitavam o seu deslocamento durante vários dias. E sim, obviamente quando fomos à mani de Nantes em defesa da ZAD limitárom-se a utilizar porras e gases

### <u>Ardora</u>

lacrimógenos, mas só com isso foi mais que suficiente, e nom por evitar ensinar o seu verdadeiro rosto sádico (que também), se nom porque nom precisavam mais para reduzir-nos.

A minha reflexom tem a ver com isto último.

Já há tempo que sinto que o abandono das cidades como núcleos do capitalismo e a volta ao campo como harmonizaçom de um processo de decrescimento é necessário, antes talvez de um ponto de vista socioecológico, mas depois de ver o que está a acontecer na ZAD, todos estes anos de resistência... sinto-o bem mais de um ponto de vista estratégico, na cidade o controlo nom só polas câmaras, as okupas, as mánis, o percorrido... é completamente fechado, mas espaços como a ZAD som incontroláveis, nom podem com nós. Sinto que aí somos muito mais fortes, temos muito mais perto a possibilidade de controlar os meios de produçom necessários para nom precisar do sistema capitalista, participar numha vida muito mais sustentável com a possibilidade de poder deixar fora completa ou parcialmente o dinheiro.

Mas este processo de trânsito nom é singelo... e o escaparate da cidade é mui grande.

Eu cresci numha «cidade» e sinto-me dependente dela, vendo-me dia a dia, o que me oferece, e consegue aturdir o meu ser ante a minha incoerência mais absoluta, nom é umha incoerência mais, se nom a incoerência de nom luitar por ver a minha melhor versom, e nela estou para alimentar o ciclo que jamais remata. Oxalá pudéssemos romper com essa roda de forma colaborativa, tendo os cuidados como vangarda e o campo como fogar.

A operaçom «césar» (tentativa de despejo da ZAD em 2013) fracassou, e agora anos mais tarde, 2500 gendarmes vêm petar de novo na porta aos galos.

Gosto de pensar que juntas somos capazes de exercer umha pressom económica sobre o estado francês. Todos esses salários (2500 gendarmes), custo de transportes, equipamentos e material de todo esse exército, no que poderia ocorrer se se multiplicassem os focos como a ZAD, que temos outras opçons, que somos capazes de resistir à sua violência, que somos capazes de criar um escaparate para outras pessoas tam perto das suas cidades.

Nom sei se neste movimento existe espaço para umha vitória real, mas há duas cousas bem verdadeiras: que cada vez temos menos que perder e que tout le monde déteste la police.

QUE RESISTA A ZAD!





# Reflexons anárquicas e luitas polo meio ambiente

O caso do Nom ao Alto Maipo em Chile.

### Le Feu

Começarei dizendo que acho, no mínimo, preocupante que na marcha de 22 de outubro em contra do projeto Alto Maipo em Santiago participassem, exagerando, 5 anarquistas e/ou libertários. Porém, nas redes sociais e internet e louvam-se discursos em contra da devastacom do meio ambiente, a defensa da natureza e típicos clichés de "Livres e Selvagens", "Contra o progresso tecno-industrial" e "Anti-civilizaçom", tendo umha nula presença em açons para deter este projeto nocivo, tanto para a natureza como para as pessoas que vivem em Santiago, onde tenhem maior presença xs hippies ecologistas, que xs anarco-econologistas e/ou primitivistas.

Que nom se entenda mal, nom estou a dizer que se pida ao Estado umha soluçom e que detenha o projeto, se bem sabemos que quem governa, quem tem o poder sempre vai impor as suas forças para proteger e aumentar os seus privilégios à custa de esmagar as nossas vidas e aumentar a nossa miséria. Já o dizia Derrick Jensen: "umha conduta cruel e explotadora nom é algo que haja que compreender. É algo que há que deter", portanto, é a nossa tarefa desbordar a crítica cidadá das hidroelétricas e as suas propostas amistosas com o meio ambiente, que pretende gerar um capitalismo verde sendo ao fim e ao cabo a humanizaçom do capitalismo, e como anarquistas nom queremos um capitalismo verde sustentável e sustido, queremos destruir o capitalismo.

Como dizia Ward Churchilh: "nengumha campanha de assinaturas fará que se dissipe o poder e a ordem estabelecida. Tampouco nengumha açom legal; nom podemos esperar que os tribunais estabelecidos polos explotadores ditem que a explotaçom é ilegítima e deve ser combatida. Nom lograremos nada votando numha alternativa, nem fazendo vigílias de oraçom, nem prendendo velas aromáticas nas vigílias de oraçom, nem cantando cançons de protesto... nom vamos lograr nada fazendo declaraçons ostentosas. mudando a nossa dieta nem construindo ciclo-vias. Há que dizê-lo com todas as suas letras: este poder, esta força, esta entidade, esta monstruosidade chamada Estado mantém-se pola força física, e só pode ser desafiado nos termos que ele mesmo impom e entende."

Nom será um processo grato e indoloro, "mas, escuitem, apreendam de vez: agora mesmo nom está a ser um processo indoloro. Se sentes umha relativa ausência de dor, isso é só umha prova da tua posiçom privilegiada dentro da ordem estatal."

Mas, por que pôr ênfase na marcha ou no projeto Alto Maipo? Longe de reproduzir consignas abstratas como estar em contra da devastaçom do meio ambiente, há aqui um inimigo físico que representa todas as perversons do Estado e quem sustém o poder; é neste inimigo onde se revelárom as artimanhas do governo e da classe política desvelando os seus conflitos de interesse para a consecuçom do seu crescimento económico de certas personagens do governo.

Mas vamos por partes. O que é Alto Maipo? Alto Maipo é um projeto hidroelétrico que quer intervir na alta bacia e o Caixom do Maipo³, onde se pretende canalizar os principais afluentes que alimentam o rio com esse mesmo nome antes de que cheguem a ele.

O projeto consta da instalaçom de duas centrais de passo, o Alfalfal II e Las Lajas, onde se intervirám as sub-bacias do rio Colorado, o Yeso e o Volcám, realizando tomas de água e canalizando estes três afluentes por um túnel de 70 quilómetros de extensom, trasladando 2 milhons de metros cúbicos de água para passar polas turbinas que produziriam supostamente 531 megawatts, e posteriormente as águas voltarám ao rio.

Aqui é necessário entender que os impactos das hidroelétricas, para além da afeçom dum rio em particular, afetam irreversivelmente às bacias onde se instalam, e nom é novidade que as represas nom poidam ser consi1. Derrick Jensem. "O pacifismo como patologia e outros escritos".

2. Idem

3. O Caixom do Maipo é um canhom andino ubicado na zona suroriental da regiom Metropolitana, Chile. Encontra-se a apenas 1 hora do centro de Santiago. 4. http://www. chilesustentable.net/ organizaciones-ciudadanas-se-enfrentan-al-gobierno-con-informe-que-cuestiona-ofensiva-pro-hidroelectricidad-a-gran-escala/

5. http://www. riosdelmaipo.cl

6. Empresa mineira questionada por contaminar a água com arsénico que abastece a comunidade de Caimanes na IV regiom de Coquimbo.

7. Banco onde o empresário Andronico Lucksic é proprietário do 58.5%

8. Para compreender os vínculos íntimos entre o empresário Andronico Lucksic e o ex-ministro de governo Máximo Pacheco, ver http://www.elmostra-dor.cl/noticias/pais/2014/09/16/el-estrecho-vinculo-de-maximo-pacheco-con-los-luksic-grupo-detras-de-la-central-alto-maipo/

deradas opçons sustentáveis. Isto demonstrado polas suas próprias instituiçons em reporte da Comissom Mundial de Represas publicado o ano 2000 polo Banco Mundial.<sup>4</sup>

Por outra parte, este projeto pom em perigo e atenta contra a principal fonte de água doce da regiom metropolitana. Sem ir mais longe, em Santiago consomem-se 196 litros de água por habitante, dos quais, 80% da água provém do Caixom do Maipo. Portanto, porque nom agitar e luitar em contra dum projeto que atenta contra a principal fonte de abastecimento de água de Santiago?

Sem tomar em conta que o projeto nom considera a mudança climática que está a sofrer o planeta, nem o aumento da seca durante os últimos anos na regiom metropolitana, esta empresa fundamenta o seu projeto nas cifras dos caudais 60 anos atrás. Isto somado a que a empresa AES GENER (proprietária do projeto Alto Maipo) reconheceu que dos 531 mega watts, poderá apenas produzir 190MW, dos quais a maior parte deles estám destinados à minaria, como se detalha mais adiante (Minera Los Pelambres).

Entom, por que foi aprovado o projeto Alto Maipo? Aqui é onde se começam a desvelar os interesses e a corrupçom político-empresarial de quem governam Chile.

Em 2009 o governo outorga o permissom para a construçom do projeto Alto Maipo, o qual foi criticado por umha série de organizaçons sociais que componhem o movimento de NOM ao Alto Maipo, logrando que este fosse revisado pola câmara do deputado, a qual chegou à conclusom unânime de que o projeto estava viciado pola colusom e o tráfico de influências. Devido a isto, vários dos seus financiadores retirárom os seus investimentos por considerarem o projeto inviável e destrutivo, ficando em xeque a sua continuidade.5

Porém, no ano 2013 som solucionados os problemas de financiamento de AES GENER, devido à integraçom e à compra do 40% das açons de Alto Maipo por parte do empresário Andronico Lucksic e o seu braço mineiro Antofagasta Minerals, pondo como condiçom que o 85% da energia produzida se destinasse para a sua empresa mineira Los Pelambres na IV regiom de Coquimbo, com um contrato de 20 anos.6

Baixo o mando deste empresário, AES GENER obtém o resto de financiamento de 4 bancos regionais, Banco Chile7, Banco Itaú, Banco Estado e Banco BCI. Aqui é onde tomam importância as personagens do governo que outorgam umha blindagem política ao desenvolvimento do projeto, como o ex-ministro de energia Máximo Pacheco8, que foi diretor de duas empresas de Andronico Lucksic, Banco de Chile (financiador do projeto) e Luchetti, portanto fai-se evidente o conflito de interesse, somado ao apoio do ex-ministro do governo de Ricardo Lagos, Jorge Rodríguez Rossi, o cal foi ex-gerente do projeto Alto Maipo e atual presidente de Banco Estado, também financiador do projeto.

Mas a questom nom fica aí. Máximo Pacheco, militante do Partido Socialista (PS), a atual presidenta Michelhe Bachelet9 (PS), Catalina Bau (PS) ex-diretora de CONAF10, a qual removeu cargos para lograr a aprovaçom de Alto Maipo, estavam a preparar o caminho para o gram negócio do Partido Socialista, quem investiu altas somas de dinheiro na empresa Aguas Andinas, a cal numha primeira instância estava contra o projeto Alto Maipo, mas em 2011, magicamente, esta empresa decide assinar um milionário contrato com o que deixa à disposiçom de Alto Maipo as reservas de águas para todos os habitantes de Santiago. Coincidência? Nom acredito...11

É evidente que este projeto está viciado por conflitos de interesses da classe política quem procuram aumentar os seus privilégios económicos a consequência da devastaçom do meio ambiente que traz consigo o projeto Alto Maipo.

Os danos que serám causados à bacia do Maipo serám irreversíveis, a contaminaçom com arsénico e outros metais, sobre os glaciares, napas subterrâneas, esteiros e vertentes, já fôrom comprovados polo estudo de águas realizado por Andrei Tchernitchim, toxicólogo da Universidade de Chile, onde se confirmou a presença por sobre as normas aceitadas de arsénico, chumbo, manganésio e níquel nas águas do Caixóm do Maipo.<sup>12</sup>

O aumento da desertificaçom da bacia propiciará a desapariçom da flora e fauna do sector, gerando consequências irreversíveis e nefastas no meio-ambiente.

Isto claramente nom o tomamos em conta no momento de implicar-nos na luita polo meio ambiente, nem muito menos geramos umha crítica com umha perspetiva anárquica da situaçom em particular deste caso e doutros similares que se pretendem impor ao longo do território como o som o projeto hidroelétrico do rio Achibueno e do rio Puelo, por nomear dous, da enorme quantidade de projetos que se querem instalar ao longo do território dominado polo Estado de Chile. Senom que antes bem instalárom-se posturas que pretendem um culto fetichista da natureza e o selvagem.<sup>13</sup>

9. Para introduzir-se nas redes do empresário Andronico Lucksic e o Governo da "Nova Maioria" ver http://www. elmostrador. cl/noticias/ pais/2015/02/11/ las-extensas-redes-de-andronico-luksic-en-la-nueva-mayoria/

10. Corporaçom Nacional Florestal (CONAF), instituiçom privada dependente do Ministério de Agricultura, que tem por finalidade administrar a política florestal de Chile e fomentar o desenvolvimento do sector. http:// www.conaf.cl

11. http://www. riosdelmaipo. cl/2017/05/18/ los-intereses-del-partido-socialista/

12. http://radio. uchile.cl/2016/01/ 17/denuncian-aalto-maipo-porcontaminacion-del -agua-que-consume -la-regionmetropolitana/ Sem ir mais longe, este último tempo o movimento anárquico da regiom chilena foi tomando um rumo quanto menos preocupante, devido à pouca ou nula capacidade de reflexom e autocrítica que se tem da própria corrente ácrata, somado a estas novas tendências radicalizadas que muitas das vezes permeiam o movimento anárquico, mas pouco tenhem de libertárias, senom que antes bem se instalam de posturas arrogantes e proto-fascistas.

Outorgar espaço a estas novas correntes aceitando a priori os seus discursos sem umha capacidade crítica e reflexiva, permitiu que se instalasse umha pureza moral provinde do ego (ao qual eles chamam a-moralidade), que se situa como umha obsessom raivosa e/ou culto religioso que nom tolera nengumha heresia nem outras perspetivas de luita. O problema nocivo e persistente de todo isto, é que nom toleram nada que esteja fora da sua pureza moral (a-moral) e fôrom apropriando-se das luitas e espaços que eram próprios do movimento anárquico há um par de anos atrás.

Mas tampouco lhes demos tanto mérito (que nom o tenhem), senom melhor sejamos críticxs e autocríticxs com o que figemos. Nom é novidade para ninguém dxs que transitamos pola senda libertária e/ou anárquica, que a corrente ácrata caju num ostra-

cismo perdendo o seu caráter social e transformando-se num gueto auto-complacente que nom se implica nas luitas que nom cumpram com os fetiches instaurados por nós mesmxs. Este problema determinou que o movimento anárquico e o anarquismo (no mínimo, em Santiago) esteja mais próximo a umha tribo urbana do que a umha forma de vida com práticas político-filosóficas de transformaçom e ataque a todo tipo de autoridade.

Esta situaçom fai-se visível na pouca ou nula presença do movimento anárquico nas diferentes luitas que se dam ao longo do território, acreditando que a insurreiçom e a revolta chegarám por arte de magia e "claramente serám as anarquistas quem tenham umha grande presença nestas".14 Cabe precisar, que ainda nom logramos entender que intensificar o conflito, a revolta ou propiciar um ato insurrecional depende de nós mesmxs e desenvolverá-se do que temos construído ou influído desbordando o pensamento cidadám e social-democrata, desbordando as luitas parciais apontando a que o problema é estrutural e sistémico.

É mester contagiar as ideias anti-autoritárias e ácratas para gerar momentos de tensom ou subversom da ordem estabelecida, nom por nada antes se acunhava a consigna de que a revolta é contagiosa. Mas com umha

13. Aquí refiro-me ao discurso anti-humano e anticivilizaçom de ITS Chile.

14. Ler com tom sarcástico.



## <u>Ardora</u>

nula presença nas luitas de grande importância para o devir do planeta e a natureza, nom contagiaremos ninguém, nem muito menos se questionará o problema de raiz, devido à cultura demencial imposta polos detentores do poder, que é por essência destrutiva.

Por outra banda, ficamos na masturbaçom mental e virtual de consignas abstratas e estados de Facebook expressando o nosso descontento, sem ter umha participaçom real para deter a devastaçom do planeta ou deter a instalaçom de projetos hidroelétricos nos nossos territórios. Só seguimos alimentando um gueto que possui um pânico terrível à palavra social e um medo incompreensível a todo o que for organizaçom.

Fai-se indispensável gerar reflexons críticas sobre estes temas que nos afetam diretamente e propor umha perspetiva clara de luita contra a estrutura que fai possível estes empreendimentos geradores da nossa miséria, realizando umha crítica certeira das mesmas luitas para nom caírem ou terminarem sendo absorvidas por teorias reformistas e social-democratas, porque sabemos que os petitórios e exigências ao Estado som inofensivas e só buscam reformas parciais, onde acabamos aceitando o poder que possuem sobre nós. Entendemos que as devastaçons que produz o Estado som umha consequência lógica da dominaçom e a explotaçom. "umha economia de crescimento perpétuo nom só é demencial (e impossível), senom que também é, pola sua própria essência, destrutiva".

Portanto, nom devemos entregar a luita em defensa da terra a posturas fascistas, nem muito menos a correntes reformistas e social-democratas, isto seria sepultar-nos a nós mesmxs, seria abandonar a nossa consciência e escachar os nossos princípios éticos de liberdade. Devemos desenvolver projetos na luita revolucionária, que nom entreguem espaço ao inimigo, se nom que disputem esses espaços a ponta de açom direta no seu amplo espectro e nom apenas no fetiche do lume. É assim como lograremos avançar na construçom de experiências concretas e deixar de mirar-nos o umbigo.

Mas, "Como podemos deter os explotadores ao mando desta economia de perpetuo crescimento...? Nom os pararemos fazendo-os sentir culpáveis, nem exigindo que fagam o correto. A única forma de pará-los é nom lhes deixando outra alternativa que a de deterem-se."





# O psicópata moralista no terror moderno

## Daguerrotirria

Falar de misoginia ou patriarcado no cinema vem ser dizer que o lume queima, é algo óbvio, mas se o aprendes é porque nalgum momento che doeu. Andar a teorizar em volta da geraçom de arquétipos vazios e da hipersexualizaçom feminina nos filmes ou na publicidade é necessário, mas dumha perspetiva crítica e interseccional. A maioria dos textos académicos que se podem encontrar polo mundo adiante som dum marcado carácter classista e cultureta, dito doutro modo, é fácil falar de sexualizaçom quando umha moça corre gratuitamente despida, perseguida por umha moto-serra, mas pobre da que se atrever a expor a aberta misoginia de Hitchcock. Aí aparecerám os eruditos da academia para pô-la no seu lugar. Gosto sem vergonha do cinema de terror, a ciência ficçom, o gore, a serie b, a serie z e desfruto como umha pícara com qualquer filme menor, ruim

ou demasiado maistream como para supostamente teorizá-lo. Porque sejamos sinceras, nom todo vai ser Godard nesta vida.

Mas neste texto estamos a falar de dous conceitos. Por umha banda dos próprios psicopatas como evoluçom do monstro clássico, e doutra do seu galopante moralismo no terror moderno. Estas personagens ambíguas que nom deixam o público indiferente, som figuras catárticas e que geram posicionamentos divergentes entre apaixonadas defensoras e escandalizadas detratoras. Os psicos, esses pirados com marcados complexos de édipo, disfarçados e ajejantes entre as sombras e brétemas, sempre provocárom umha atraçom hipnótica no público contemporâneo. Mas também as ganas de arrancar os olhos com as próprias representaçons das mulheres nestes filmes. De verdade vás sair soa ao galpom depois de ver esse cadáver? E se tiveche a oportunidade de dar um broucaço que tombe o mau, nom soltes a arma! remata-o companheira! É simplesmente frustrante assumir a estupidez indefesa feita personagem com nome de mulher.

Nego-me a aceitar na teoria ou na praxe que poidamos englobar todas as representaçons femininas num só conjunto. Por todo isto é preciso gerar um corpo de análise real, um catálogo de personagens precisamente para fugir de auto-apreciar-nos como puras vítimas, servindo umha e outra vez para o mesmo papel cíclico e passivo. É dizer, como o reflexo que devolve um espelho, a metodologia de análise formulada consiste nas acons dos psicos e monstros modernos a respeito das personagens femininas com as que interatuam violentamente. Esta é umha nova perspetiva, com o fim de tentar dar-lhe umha volta e caraterizar realmente estas figuras, bastante melhor do que os clichés aos que som reduzidas numha visom praticamente estética.

Porém, presentados os psicos e mais o seu hipotético vitimário, é necessária umha brevíssima história da moralidade judeu-cristá dentro do género de terror norte-america-no. O terror existe desde o cinema primitivo, mais obviando nos anos trinta umha época de esplendor no holhywood clássico, foi considerado um género menor durante décadas, com a exceçom dalgumhas obras e autorias particulares que sim puidérom ser bem considerados dentro da

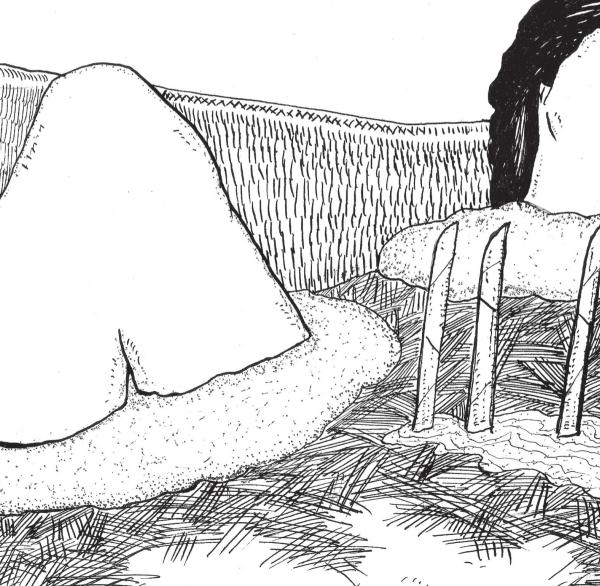
academia. Saltando temporalmente por cima dos filmes metafóricos da paranoia anti-comunista própria dos anos cinquenta ou dos tolos doutores que jogam a ser deus com nefastas consequências, o terror e a ciência-ficçom, tivérom um corte claramente revulsivo e insurreto em finais da década de sessenta e parte da década posterior, numha dupla leitura de cinema denúncia e dumha evidente intencionalidade de procurar os limites da censura própria ou alheia.

Isto nom é um acontecimento gratuito, senom que vem dado por umha situacom sócio-económica particular, representada no cinema com a caída do modelo clássico de holhywood e do chamado Código Hays. Este despropósito batizado com o nome dum dos seus principais impulsores, tinha como fim salvaguardar a moral do público norte-americano. Consistiu num conjunto de regras escritas a modo de extenso manual, que descreviam com grande particularidade o que era moralmente aceitável ou nom na tela. Este código ético-visual, enumerava conscienciosamente e vetava qualquer conteúdo inadequado para um filme: blasfémia ou referências negativas à igreja católica, consumo de drogas, atos delituosos ou imorais (onde estava compreendida a homossexualidade), atos violentos ou sexuais, e um interminável etcétera. Todos estavam ferreamente regulados, com umha especial fixaçom em legislar sobre o corpo e o comportamento da mulher na tela, passando por medir a sensualidade do baile, o vestiário das atrizes ou considerar

## Ardora

inaceitável o adultério. Nom obstante, equiparava no mesmo ponto do manual a representaçom social da seduçom e da violaçom como homólogos num filme. Estivo vigente desde o ano 1934 até 1967, basicamente como um método de censura, que se aplicava ao sistema holhywoodiense e que evitava a exibiçom de filmes europeus ou independentes que nom o respeitassem.

Mas voltando ao cinema de terror de finais dos sessenta e começos dos setenta, e ao seu componente revulsivo e marginal, em parte pola problemática na sua exibiçom e distribuiçom, nom acontece o mesmo em décadas posteriores. A progressiva fagocitaçom dos grandes estudos, a nível estético, argumental e de personagens características do terror, tivérom consequências irreparáveis



para o mesmo, e a moralidade reacionária que parecia em detrimento após da caída do Código Hays entra neste ponto histórico como um furacám. Em finais da década de sessenta e parte da década posterior, no cinema de terror existia umha crítica aberta à família nuclear, ao racismo.

ao Americam Way of Life, ao exército, à igreja, ao consumo ou a

praticamente qualquer aspeto criticável da sociedade neoliberal. Além obviamente, do exploited do próprio corpo feminino em si, o que daria para umha análise em paralelo nada alentadora. Porém, na sua evoluçom posterior em décadas como os oitenta ou os noventa, a violência nom é só voyeur, é intencional, mas nom



baseia na existência dum marcado sesgo moral num sub-texto claramente artelhado por relaçons causa-efeito.

Com a entrada do cinema de terror no coraçom do capitalismo norte-americano, já nunca mais voltou ser considerado género menor dada a sua acolhida por parte do gram público, o que a finais dos anos setenta provocou diversas modificaçons de base camufladas depois dumha correspondência estética.

- —Por umha banda, a viragem deste género elude que a sua origem entronca em parte com a crise do classicismo cinematográfico e a reformulaçom do filmado, o qual é ir em contra do próprio funcionamento da anquilosada macro-indústria cinematográfica norte-americana que o estava a acolher.
- —Obviousse, da mesma forma, a incrível influência neste género dos novos cinemas europeus dos anos sessenta e toda a revoluçom política e artística que isto trouxo consigo.
- —Também chegou ao gram público, é dizer, saiu da serie B e Z e das sessom duplas a altas horas da noite, com o que se expujo publicamente às críticas dos sectores mais conservadores e puritanos.

Todos estes fatores somados a um elevado interesse económico das grandes produtoras, provocárom um lavado do género em si, em poucas palavras, umha viragem ética. A grande industria marcou novas pautas de histórias e personagens, eliminando o sentir cáustico e radical da década anterior. Seria como umha pátina de pintura nova, que nom pode apagar completamente as origens, senom que as retorce e as perverte, ou antes bem *des*perverte, para levá-las ao maior número de público possível. Quem está disposto a desfrutar do ato violento explícito, mas da leitura moral tranquilizadora do castigo.

Formulada a evoluçom e o estado da questom, pode-se retomar o tema das personagens femininas e do vitimário que as componhem, em relaçom violenta ao psicópata ou monstro do filme.

#### A. As vítimas em si:

Esta categoria subdivide-se à vez em comportamentos de corte moral inaceitável, é dizer, as personagens femininas que som corpos desejáveis (sempre falando dentro dos estândares de beleza da própria industria mainstream), mas que o seu comportamento nom. Em base a drogas, sexualidade, ideologia política, etc.

Da outra banda, temos as personagens femininas que diretamente possuem um físico, idade ou até raça (sim, raça) inadequada para o imaginário do desejo imperante.

As primeiras sofrem um tipo de morte voyeur, preparada e arquetípica, baseada num castigo moral. Folhas? Morres. Consumes drogas? Morres. desejas viajar soa ou com amigas? Morres. Umha fórmula fácil e efetiva para gravar correlaçons no imaginário popular. No segundo caso, as mortes som torpes, cómicas e morbosamente previsíveis, como corpos castigados por nom ser desejáveis. Partir dumha má situaçom é ser umha gorda negra num filme de terror, já que estarás reduzida a ser umha introdutória morte cruel com o único fim do avance na história das protagonistas.

#### B. As heroínas:

Aquí estám as personagens femininas que si matam o monstro, as que som quem de sobreviver a história enquanto as mulheres da sua contorna som assassinadas. Um grande volume delas seguem com vida milagrosamente a base de:

- —**Portar-se bem:** É dizer, de ser socialmente o que se precisa ou se pode aguardar do seu rol (estudos, negar-se a romances, opinions políticas inexistentes ou conservadoras...), a pesar de que no fim do filme podem converter-se literalmente em MacGyver. Como exemplo, *Pesadilha em Elm Street* (Wes Cravem, 1984), onde umha adolescente passa de ser apoucada e débil a pôr em xeque um terrível vilám ao mais puro estilo *Solo en casa*.
- —Dessexualizar-se: O único modo de sobreviver é "masculinizar" a personagem, no sentido mais casposo da palavra. Entendidos como protagonistas fortes, que poidam exercer

umha auto-defesa real e oposiçom violenta ao monstro ou psicopata, em troca de nom se tratar em nengum ponto da metragem nada relacionado com a sua sexualidade ou desejo. Como exemplo, a tenente Ripley, mas praticamente qualquer das heroínas que acabam com o monstro encontram-se no mesmo caso, é simplesmente omitido.

É bem citar que em ambos os dous exemplos, o único encontro sexual é traumático e nojento para a protagonista, muitas vezes representado por tentativas de violaçom nom consumadas, ou pseudossexualidades oníricas relacionadas com o próprio monstro ou psicopata.

#### C. As MONSTRAS:

Por último, estám as monstras, Deixando este ponto um pouco nas margens, já que nestes filmes elas som o perigo potencial. Dentro do cinema de terror e ciência-ficcom, som personagens femininas modificadas externamente, que sofrem umha transformaçom corporal normalmente contra a sua vontade e que as fai evolucionar e ressurgir depois dum facto traumático. Som as personagens mais livres, já que renascem mais seguras, mais completas, mais fortes e sem medo a morrer na metragem, enquanto fam o que lhes sae, às vezes literalmente, da cona. Convertem-se numha ameaca para poder sobreviver, o qual é no mínimo irónico.

Como exemplo perfeito, Barbara Steele em *Shivers* (David Cronen-

## Ardora

berg, 1975), interpreta umha femme fatale retirada, que vive em bata de seda nuns apartamentos de luxo a queixar-se continuamente do gorda e velha que está, evitando contato com o mundo exterior por pura vergonha e carência de autoestima. Nom obstante, quando é infetada, neste caso por umha sorte de parasito, ressurge trás um orgasmo despida da banheira, sexual, gloriosa e pisando cristais dum copo rachado sem sentir a menor dor. O filme e o mundo é de novo seu, sem nengum tipo de moralismo, dúvida ou medo.

Como conclusom, curiosas estas personagens dos psicopatas, que a pesar de possuir de base um componente revulsivo mui potente e ser exponentes do mais turbador e do explícito da morte e da carne na tela, som à vez assassinos a soldo do esquecido Código Hays. Quando este caiu por próprio peso, ante a impossibilidade de manter tal absurdez

conservadora, e sobretodo, a partir da emergência dos novos cinemas e das propostas filmicas que rachárom supostamente com este corpinho argumental e estético. Mais parece que em anos posteriores, sobretodo a partir dos oitenta ou noventa e da já citada fagocitaçom por parte do mainstream, alguns psicos e monstros se convertem em cavaleiros andantes e sicários executores de mulheres pola mao do extinto Código Hays. Cumpre dizer que a evoluçom posterior e atual do cinema de terror nos deixa um leque muito mais amplo de personagens femininas coma sujeito ativo, mais essa é já outra película.





# Os primórdios da resistência contra o sistema tecnoindustrial

Ludditas galegas em defesa da Terra no final do século XVIII

## Negre i verd

Há um mito sobre a industrializaçom que mantém que a indústria se desenvolveu, no Estado espanhol, no norte e sobretodo no leste, mas a indústria pesada sobretodo no norte cantábrico.

Se procuramos os dados dos primeiros motores de vapor e os primeiros altos fornos, vemos que a cousa nom é assim tam singela e que o que se pretende é naturalizar o estado recente da indústria. Um passado falseado, e um futuro que está por definir, pois seguramente a indus-

trializaçom rematará por estar toda no leste... no leste da Ásia.

Assim, enquanto tivêrom a exclusiva da fabricaçom de máquinas de vapor as oficinas da Watt and Boulton, entre 1775 e 1799, das 24 máquinas de vapor exportadas fora do Reino Unido, 3 fôrom à Baixa Andaluzia e mais 2 a outros lugares do estado, nengumha delas para a Catalunha ou País Basco. Com a siderurgia passa umha cousa semelhante e entre finais do XVIII e princípios do XIX a produçom de ferro e aço estava cen-

trada na Galiza (Sargadelos 1794) e a Andaluzia (Altos Fornos de Marbella 1826). De fato, a malaguenha substituiu à galega, num momento determinado. Foi bastante importante também a Cantábria, sobretodo com a fundiçom de canhons da Cavada.

A indústria do ferro era umha indústria estratégica para o Estado espanhol (e resto de estados militaristas). Tanto no século XVIII como no XIX, as monarquias borbónicas embarcaram-se em guerras absurdas e derrotas merecidas (merecidas polos poderosos, mas padecidas realmente polos humildes). Umha atrás doutra, estas guerras e a necessidade de frotas navais e muniçons figêrom com que esta indústria, dependente por outra parte naqueles momentos de patentes reais, tivesse numerosos privilégios, privilégios de rei senhorial, que de fato acabariam em contradiçom com a expansom capitalista.

Nom é de estranhar pois que um dos primeiros -e mais enérgicos- protestos contra a destruiçom da terra por parte da nacente sociedade tecno-industrial tivesse como marco terras da Galiza e como protagonistas labregas pobres e trabalhadoras do bosque.

#### As guerras borbónicas do XVIII e o XIX.

A posiçom da coroa espanhola durante este período foi umha sucessom de disparates borbónicos (soa-nos de algo?). A incapacidade, a cobiça, a tolice e a brutalidade da família real, e a camarilha que a rodeava, brilhou

dumha maneira mui especial durante aqueles anos -ainda que depois mantivo a mesma linha de esplendor-.

Primeiro, a monarquia espanhola declarou no ano de 1793 a guerra à França revolucionária (em Catalunha chamarom-na a Guerra Grande), e invadiu-se o Rossilhom. Mas a operaçom foi um desastre militar que acabou em 1795 com a Paz de Basileia

Dous anos depois, a mesma monarquia declarava-se aliada de França. O resultado foi a guerra contra Inglaterra, com um regueiro de derrotas marítimas, para acabar no 1802 com a Paz de Amiens. No 1805 voltam à guerra contra Inglaterra e colaboram na invasom e desmembramento de Portugal mediante a participaçom no tratado de Fontainebleau. Vê-se que o costume de seguir o império de serviço nom é um costume moderno, pois se agora o estado espanhol segue os EEUU ou a NATO, naquela altura seguia o Império Napoleónico.

Cumpre nom esquecer as numerosas campanhas navais da pré-Guerra do Francês, e da Guerra do Francês propriamente dita, e os desastres das campanhas das guerras de independência americanas, todas elas acompanhadas de derrotas navais como as batalhas de Fisterra ou a de Trafalgar.

Se há um episódio especialmente grotesco em todo barulho borbónico de apoio às potências dominantes do momento, este é a guerra (?) hispano-russa, de 1799 a 1801. Durante estes anos a monarquia espanhola negou-se a reconhecer ao czar Paulo I, por ter sido nomeado Grande Mestre da Ordem de Sam Joám de Jerusalém. Este disparate bélico foi declarado mas nunca executado por sorte para os pobres soldadinhos e marinheiros dos dous estados.

O seguidismo pró-império ia acompanhado da ruína económica, o aumento dos impostos, o bloqueio do transporte, as levas de marinheiros e soldados... Fame e miséria.

Depois veu o barulho interno da família real espanhola, e a sua submissom frente os poderes europeus (basicamente napoleónicos), culminando com a abdicaçom dos dous Borbons, Carlos IV e o seu filho Fernando (quem posteriormente foi Fernando VII) em favor do irmao de Napoleom José Bonaparte. Depois veu a Guerra do Francês, de 1808 até a evacuaçom das tropas imperiais no 1814 e a reinstauraçom de Fernando VII (chamado com propriedade 'el rey felón') no trono.

A Guerra do Francês foi um período de confrontos encarniçados, execuçons em massa, carnificinas, torturas, desaparecimentos...

O bando dos invasores, apesar do que dizer a história oficial, nom era exclusivamente 'estrangeiro', francês. De fato umha boa parte do exército real espanhol combateu (e reprimiu) em favor das tropas imperiais. A maior parte dos bispos, nobres e generais fôrom pró-imperiais, ao menos enquanto a vitória parecia

estar do lado de Napoleom, comportando-se, de fato, igual que o futuro rei Fernando.

## A 'PRIMEIRA' MINERAÇOM COMO AGRESSOM À TERRA.

A mineraçom, no Estado espanhol, e no mundo todo, tem sido umha atividade aniquiladora da terra, desde tempos pré-históricos até hoje mesmo (Súria, Aznalcollar, o carvom a céu aberto de Leom...).

O início da mineraçom industrial (para contentar a demanda da industrializaçom) vai mui ligado à disponibilidade de recursos; recursos energéticos (basicamente biomassa florestal), de água, de território para verter resíduos e fazer os buracos na mineraçom a céu aberto e de umha populaçom submetida à servidom senhorial (seria umha aliança entre o antigo regime e o liberalismo económico).

A depredaçom mineira tem raízes antigas que chegam ao neolítico, a paisagem das Médulas em Ponferrada ou de boa parte de Riotinto ou de La Unión son indicativas de que o saqueio da terra nom é umha cousa recente.

Por exemplo, as minas de pirites de Huelva foram exploradas desde o neolítico, mas a primeira grande expansom civilizada (vinculada à extracçom de recursos para a dominaçom) produze-se durante o império romano. As minas de Huelva exploram-se durante séculos e abandonam-se por volta do ano de 400, deixando um território desflorestado e erodido pola tala e a chuva azeda e entre 9 e 15 milhons de toneladas de escória mineira. A exploraçom nom se vai retomar até o 1725, em que o senhor Wolters, um excombatente filipista sueco da Guerra da Sucessom espanhola (sueco como a Boliden de Aznalcóllar, é curioso!), consegue o aluguer das minas.

As minas de La Unión foram exploradas também desde épocas muito antigas, anteriores às ocupaçons cartaginesas e romanas. Forneceram a maior parte do chumbo à Roma republicana, até que se esgotárom os filons mais ricos para o século primeiro. Nom foram exploradas de novo até o século XIX, com novas tecnologias mais eficientes. De fato, o estado espanhol foi durante o século XIX e princípios do XX um dos maiores produtores de chumbo e o

maior exportador. Mas a brutal exploraçom, a desflorestaçom, a contaminaçom das águas continentais e do mar deixaram umha profunda pegada. Em Portman e em Puertollano temos dous dos exemplos mais pavorosos de destruiçom ambiental na península.

Ao longo do século XVIII ao sul da península desenvolve-se umha indústria metalúrgica importante, do ferro, do coiro, do chumbo... Todas estas indústrias rematam por enfrentar-se com a populaçom local, especialmente com labregas e jornaleiras pobres, ainda que pontualmente as oligarquias locais tomam partido por um dos dous bandos.

Os motivos do confronto som sobretodo ambientais e de recursos, especialmente a água e os recursos florestais, mas também pola qualidade do aire. Estes confrontos estám



minimamente documentados em Juzcar (Málaga) e Jimena (Cádis), ainda que seguramente os há muito mais numerosos... até chegar ao "año de los tiros" de Riotinto, já a princípios do século XX, um dos primeiros conflitos ambientais documentados no Estado.

A produçom da mineraçom metálica do sul peninsular, entrado já o século XIX, destaca polos altos fornos de Málaga (El Angel), Marbella (La Concepción) e em Sevilla (El Pedroso) que durante muitos anos fôrom os principais produtores de ferro e aço do Estado... Todo isto, com carvom vegetal e a correspondente desflorestaçom... Até que o carvom mineral do norte (protegido polo estado) contribuiu decisivamente a acabar com eles. As histórias de resistência à dominaçom, à destruiçom dos bosques e da terra ficariam na parte escura da história, a parte que os dominadores (se podem) omitem sempre.

#### FÁBRICA DE SARGADELOS.

Fora o conflito de Riotinto, um dos conflitos mais radicais dos que se tem notícia foi o de Sargadelos, na Galiza de finais do século XVIII e princípios de XIX, mui precoz na linha de tempo da industrializaçom no Estado espanhol.

Antonio Raimundo Ibáñez era um jovem asturiano que entrou bem cedo, aos 20 anos, como mordomo (administrador) ao serviço do Sr. Bernardo Rodríguez de Arango y Mon, para quem dirigiu os negócios de

importaçom de vinho e de aguardente. Chegou a ser o seu home de confiança, até o ponto que à morte deste os seus herdeiros vam encarregar-lhe liquidar os seus interesses em Cádis.

O dinheiro da liquidaçom investiu-no na compra de azeite de oliva para vendê-lo ao norte da península onde era bem mais caro. Parece que os herdeiros renunciaram aos benefícios da operaçom ao seu favor, e desta maneira Ibáñez começou a sua fortuna e independência económica.

Em poucos anos converteu-se num importante comerciante que se dedicava à importaçom de cereais, azeite e aguardente. Já consolidado constituiu umha companhia de navegaçom para reduzir custos. Circunstancialmente também comerciava com bacalhau de Terranova, vinho e carregamentos de mercadorias diversas obtidas através da atividade corsária. Mas o comércio que marcaria sem dúvida o seu futuro foi o de ferro biscainho e mesmo sueco, e de aqui deveu tirar a ideia de explorar os jazigos de ferro das bacias dos rios Sor, Landro, Ouro, Masma e Eu, montando para isso umha fundiçom.

Ademais, na zona tinha um importante consumidor de produtos do ferro, a Armada Espanhola. Por umha parte o Arsenal de Ferrol, que era o mais importante de construçom naval do reino, utilizava um grande número de chaves. E por outra, os portos galegos eram importantes bases da marinha de guerra do Atlântico e portanto precisavam muniçom e me-

tralha para a artilharia, tanto de defesa da costa como embarcada.

A localizaçom da fundiçom planeou-se em Sargadelos, umha zona com abundantes bosques comunais, próxima dos jazigos de ferro, do rio Junco -para dispor de força motriz- e do porto de Sam Cibrao que assegurava a saída da produçom.

A mao de obra local era mui barata mas, ao menos nos primeiros anos, o empresário importava canteiros, metalúrgicos, carvoeiros... das Astúrias, do País Basco e da Catalunha.

O processo de aprovaçom da fundiçom por parte da coroa, foi complicado e custoso, em parte por umha verdadeira oposiçom local (o senhor feudal da zona, o Bispo de Mondonhedo, o Comissário de Marinha que queria preserva o recurso da madeira para o seu uso nos estaleiros e o Cabido de Mondonhedo). Finalmente por fevereiro de 1771, Carlos IV expedia a Real Cédula autorizando a posta em andamento. Sargadelos desfrutou do usufruto de 1.800 hectares de monte comunal, do que podia extrair umhas 920 toneladas de madeira ao ano.

Ibáñez era um personagem com potentes contactos com a corte de Madri, especialmente com Godoy e com o lóbi asturiano de Jovellanos e Campomanes, estes contactos favoreceram sem dúvida a obtençom da Real Cédula e dos privilégios sobre o uso da água, os minerais e a madeira que de aquela se desprendiam.

Depois de rematadas as obras (represa, naves, fornos...) e do período de prova, a fábrica começou a funcionar plenamente em 1773. Fabricava potas (e os tradicionais potes labregos), canos, cadeias, grades, cozinhas, arados... e também balas de canhom e de morteiro.

A Governaçom, dada a situaçom política e militar, em 1774 tentou comprar a fundiçom, com o rechaço de Ibáñez. Ao longo das negociaçons, finalmente chegou-se a um acordo de 6 anos para fabricar municom de canhom e morteiro, prorrogáveis até 1839. A partir deste contrato a fundiçom de Sargadelos passou a ter consideracom de Real Fábrica com toda umha série de privilégios associados. Apesar de que sobre o papel a ferraria de Sargadelos tinha como finalidade a fundicom civil, desde o seus inícios tivo umha clara orientacom militar.

### A revolta contra a desflorestaçom.

O conflito larvado entre a exploraçom industrial e as habitantes da zona centrou-se no uso dos bosques comunais e conduziu no ano de 1798 a umha insurreiçom labrega, em que mais de 4.000 pessoas marchárom sobre a fábrica e a incendiárom e danárom gravemente, se enfrentando aos trabalhadores e a 30 soldados que a custodiavam. Também foi incendiado o paço de Ibáñez. Os danos segundo o proprietário subiram a 700.000 reais.

## Ardora

A autorizaçom da fundiçom deulhe o controlo dumha ampla zona de bosque, para o uso da madeira nom utilizável pola Marinha. Esta madeira tinha sido tradicionalmente explorada pola gente da comarca, tanto para a construçom de casas, barcas e diferentes instrumentos como para combustível, e isto já gerou um mal-estar pola perda dum recurso tradicional. A situaçom agravou-se a partir de 1796, onde com o contrato de muniçons (e a aquisiçom da condiçom de Real Fábrica), a situaçom se agrava com a exigência de participar (gratuitamente) nos 'acarreos', transporte de madeira para carvom e manutençom dos caminhos, repartidos entre os vizinhos da comarca. Estes 'acarreos' supunham entre 24 e 16 dias ao ano (segundo diziam os afectados ou a empresa), aproximadamente uns 40 dias ao ano por vizinho.

Ante a resistência dos habitantes da comarca, a empresa (Ibáñez) pressionou as instituiçons judiciais (os justiças) para obrigar a realizar estes trabalhos escravistas e, umha vez se produziu a revolta, conseguiu que o exército ocupasse a comarca.

Além do tema dos trabalhos forçados, havia também o do esgotamento do recurso. Há de se ter em conta que a actividade de Sargadelos entre 1794 e 1798 produziu 40.000 quintais de ferro, com um consumo aproximado de 22.000 toneladas de madeira.

Antes e depois do assalto a populaçom local mantinha um assédio continuado contra os carvoeiros e as carvoeiras e contra o transporte de carvom, molestando-os e tentando prejudicá-los.

A repressom posterior ao assalto luddita à fundiçom de Sargadelos nom foi pouca, primeiramente fôrom detidas 500 vizinhas, ainda que só se julgou a umhas 20. Finalmente em setembro de 1802 fechou-se o pleito com um acordo 'amistoso' entre as partes.

O acordo amistoso de fato foi um acordo entre os senhores tradicionais e o novo senhor industrial, a velha e a nova aristocracia. O povo baixo, as labregas, lenhadoras... perderam definitivamente o bosque. O clima bélico que desembocou na Guerra do Francês (1808-1814), fijo com que a actividade da fundiçom fosse mui alta, sobretodo quando Sargadelos ficou case como o único fabricante de muniçom da península, dando à actividade industrial o argumento 'patriótico'.

No período que vai de 1798 a 1818 se fundiram quase 237.500 quintais de ferro com um consumo aproximado de 131.00 toneladas de madeira. Se tomarmos um período mais longo, entre 1794 e 1830 (quando já tinha começado o declinar da fábrica) temos que se obtivêrom 374.000 quintais de colada e se consumírom 206.448 toneladas de madeira. Como se pode ver a desflorestaçom intensiva continuou, impulsionada polos interesses do industrial capitalista e militares, protegidos polo exército e as autoridades 'patrióticas'.

Apesar de todo Ibáñez se recuperou, e reencaminhou a fundiçom que continuou funcionando até para além da Guerra do Francês.

Ibáñez seguiu até a sua morte explorando possíveis iniciativas: umha fábrica de cerâmica, a famosa cerâmica de Sargadelos; umha de vidro e umha têxtil que nom rematárom de tornar realidade; a exploraçom e direcçom da Fábrica Real de Artilharia de Orbaiceta (cousa pola que foi nomeado General Inspector). Sem descuidar as suas actividades mercantis, tam potentes que superavam em ganhos a sua actividade industrial

Ibáñez seguiu a implicar-se na vida política da Galiza, foi arrecadador de impostos na diócese de Lugo (compromisso mui rentável) entre 1801 e 1805. Em 1803 recebeu a Cruz de Carlos III e, diz-se, recusou o cargo de ministro de Marinha e Ultramar. Em 1808 foi nomeado Marquês de Sargadelos e Conde de Orbaiceta.

Começada a Guerra do Francês fijo parte da Junta de Governaçom de Riba d'Eu. Esta Junta tivo umha actuaçom colaboracionista com o general Fournier, que ao se retirar cometeu as atrocidades habituais naquela guerra (e em todas as guerras). Ao entrar as forças antinapoleónicas do general Woster, o povo de Riba d'Eu, parece que com a ajuda de alguns dos soldados, linchou o marquês de Sargadelos em fevereiro de 1809.

#### FINAL.

A história oficial (e boa parte da académica) considera a Ibáñez como um liberal, industrialista e um mártir do progresso, que enfrentou o antigo regime e o sistema feudal... quando em realidade era umha pessoa comprometida fortemente com os antigos usos feudais, a sua era umha Real Fábrica (o instrumento produtivo do antigo regime) com privilégios concedidos polo rei absoluto (Carlos IV) sobre bosques comunais e com concessom de trabalho gratuito dos seus 'servos'.

Em troca a turba popular que destruiu (momentaneamente) a sua fábrica enfrentava estes privilégios e queria aboli-los, defendendo a ferro os bens do comum. Quem era mais feudalista?

Por isto se insiste tanto no papel de reitores de cregos e fazendeiros, que com certeza odiavam Ibáñez; que com certeza fomentaram todo o que puderam carragem popular. Mas é umha fantasia pensar que 4.000 pessoas começaram as açons em favor dumhas classes sociais que os exploravam. De qualquer jeito as três classes altas: curas, aristocratas tradicionais e industriais acabariam pactuando e mantendo a industrializaçom da zona.

As assaltantes da Fundiçom de Sargadelos fôrom ludditas em defesa da terra!!



# Joaquina Dorado Pita

Publicamos a seguir dumha breve introduçom um poema que nos achegou Ricard de Vargas Golarons sobre Joaquina Dorado Pita, anarquista íntegra e incansável luitadora polas liberdades.

Na madrugada de 14 de Março, 2017, morreu Joaquina Dorado Pita, e fixo-o pouco antes de fazer cem anos. Vizinha do bairro de Monelos, na Corunha, foi umha figura chave e imprescindível do anarquismo.

De moça, antes de emigrar para Barcelona, já apoiava as greves que impulsavam os pescadores da sua zona. Chegou a viver na Corunha e em Vigo. Já em Catalunha, com 17 anos, começou a mobilizar-se e ao pouco afiliou-se ao Sindicat de la Fusta da CNT e às Joventuts Llibertàries de Poble Sec.

Quando foi o alçamento militar, participou ativamente na barricada da ronda de Sant Pau- Paral·lel, que frenou o avanço dum esquadrom fascista, e participou do comité de defesa do Centro. Nos acontecimentos de maio do 37 combateu os estalinistas chegando também a socorrer militantes perseguidos do POUM. Formava parte do grupo «Luz y cultura». Em 1938 foi a máxima responsável da industria da Fusta, coletivizada e autogerida polos trabalhadores. Também chegou a ser a secretária das Juventudes Libertárias da Madeira, socializada ao ilegalizarem as Juventudes Libertárias de Poble Sec.

No ano 1939 exilou-se na França onde conheceu de primeira mao os campos de concentraçom. Passou por três chegando a fugir do primeiro, em Briançon, e do terceiro, em Recebidoux. Nessa época participou em várias açons contra a ocupaçom nazi. Participou do grupo anarquista «3 de mayo» quando se reorganizárom as juventudes libertárias, da publicaçom «Ruta», órgao de expres-

som da FIJL e da reconstruçom do Sindicato da Madeira.

Em 1946 passou de novo a fronteira. Participou no Movimento Libertário de Resistência, M.L.R., onde levou a cabo açons armadas e de propaganda, assim como a distribuçom de «Ruta». No ano 1948 acabou detida e foi duramente torturada, chegando a perder um rim e estar perto de morrer, nom sendo graças ao tratamento dum doutor naturista e das medicinas conseguidas polo sindicato têxtil clandestino da CNT. Caimlhe 15 anos de prisom por rebeliom militar.

Em 1954 sae em liberdade da prisom de Les Corts e nom tarda em voltar à luita. Entre 1955 e 1957, baixo o pseudónimo de «la Nuri», foi imprescindível na infraestrutura que permitiu as açons do guerrilheiro anarquista Quico Sabaté, chegando a dizer este que Joaquina lhe alargou anos de vida. No ano 1958 tem que exilar-se de novo na Franca.

Na França participou com a CNT francesa e na organizaçom da mobilizaçom contra a tentativa de gol-

pe de estado por parte da OAS, organizaçom de direita. Foi parte da criaçom do Movimento Popular de Resistência e em 1962 da criaçom do grupo armado Defesa Interior, que tinha como objetivo matar a Franco.

Em 1992 regressou definitivamente a Barcelona onde seguiu imersa no movimento anarquista e fiel aos seus princípios. Ali organizou durante vários anos a homenagem anual a Durruti no cemitério de Montjuïc.



#### Xoaquina Dorado Pita

Xoaquina, muller galega, loitadora anarquista

Miúda e bela, solidaria e xenerosa Aceso lume nas longas noites de tempestade, Semente da liberdade en tódolos tempos que percorren E que chegan deica nós. Amiga e compañera nos teus anos mozos Dos pescadores è obreiros do barrio da Santa Lucia da Coruña Lonxe da terra polos dezasete anos En terra de Cataluña Onde ofreciches o mellor de ti En loita continua en favor dos oprimidos e perseguidos Perseverando sempre en pos da la revolución social Activa nas barricadas de Barcelona, derrotando os militares insurrectos, Participando n'a emancipación obreira Na colectivización da madeira E depois a continuar na resistencia guerrilleira Tanto en Francia como en Cataluña, Confrontada a o fascismo. Anos 40, años 50, guerrilleira do povo, clase obreira.

A Coruña, 25 de xuno de 1917 - Barcelona 14 è marzo 2017

Case cen anos, cen. Memòria de vida entera è resistente Per correndo povo, vilas e cidades Por mares, camiños e vales Con teus irmáns de vida e loita de verdade Ceibe e comprometida até o final. Non hai liberdade sin presentar combate día a día. Hai que bater forte en tódalas cadeias da opresión. Xoaquina levámoste con nós polos camiños de liberación.

Los arumes do cantabrico mar Chegaches ao celme do mediterráneo. Agrandando o ardor e espirito libertario Dos irredentos e oprimidos proletarios.

Ricard de Vargas Golarons Barcelona, abril 2018

Chora et labora

# Chora e atraiçoa

### Ulalume Nokurro

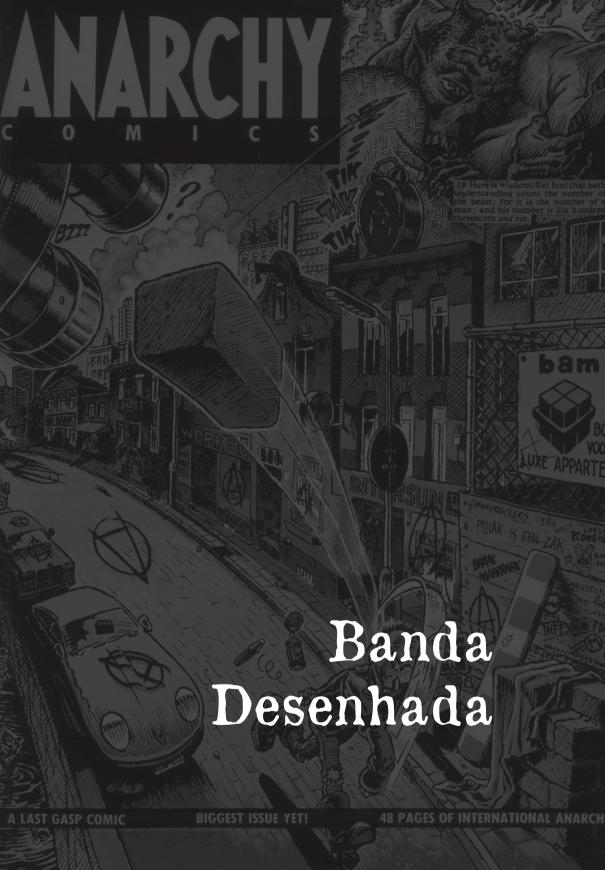
Choras, choras porque já voltou o inverno ao país dos pelegrins, choras porque voltou a incerteza a colocar-te no INEM, esses territórios hostis em que decidirám se mereces ou nom recompensa polo trabalhado. Mas nom todo som choros de pena. De repente escachas com o riso porque ao fim sentes-te livre: dona das tuas horas, do teu tempo, ...e entom lembras o estranho que foi este longo verao.

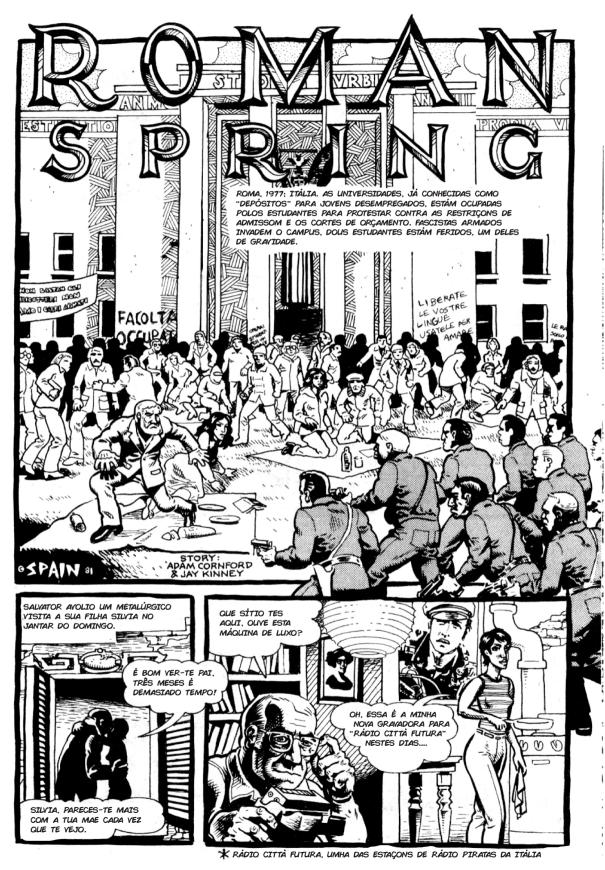
Quando levas tanto a desejares umha cousa, um algo concreto, quando sentes que a cada ano que te incorporas no eido laboral as cousas vam a pior e sabes que a greve é o único caminho, e este ano ... pois quase, parece que fosse um sonho, começando o verao por fim! Umha greve a metade de temporada, em finais de julho, quando mais lhe vai doer às empresas... anunciam-no o dia da classe trabalhadora, que nom sabes tu quando foi que deixou de ser um dia de luita e se converteu numha festa, ou sim o sabes... mas já o con-

tarás outro dia, depois dessa nova prometedora com o slogan (os sindicatos fam sloganes, como os publicistas) de que nos sobravam os motivos, e vaia se nos sobravam, com umha mudança de governo vam e cancelam a greve... o novo governo parece o velho, o trabalho segue mal, o trabalho segue a matar, os motivos seguem a aumentar, mas da greve, nem rasto.

E de tanto chorar estes meses, há os mesmos motivos para chorar que para fazer a greve. Reivindico que os choros se convertam na raiva que faga explorar o capital, porque podemos chorar tanto que podemos acabar por rirmos às gargalhadas e mudar as nossas bágoas por faíscas que prendam lume ao trabalho, aos bancos, ao INEM, ... vamos chorar no inverno para começarmos antes a primavera...

E que essa raiva sirva para luitar polos mais de 369 mortos de janeiro a julho segundo o próprio mi(ni?)stério de emprego do estado espanhol.





















MARÇO E MAIO, EM TODA A ITÁLIA: O MOVIMENTO PASSA À OFENSIVA, AOS TIROS E AO SAQUEIO



FINAIS DE 1977. A MEDIDA QUE O MOVIMENTO CAMBALEA, AS "BRIGADAS VERMELHAS" INTENSIFICAM OS ATAQUES CONTRA POLÍTICOS E GERENTES















### Editorial

### Insumisa

· «Despejos» do cámbio

#### Vozes

- · O que significa ser indigena?
- · Sobre solidariedade revolucionária

#### Além

- · Que resista a ZAD
- · Nom ao Alto Maipo e outras reflexons sobre o entorno anárquico.

### Cinema

- · O psicópata moralista no terror moderno
- O fio negro da história
- · Os primórdios da resistência contra o sistema tecnoindustrial
- · Joaquina Dorado Pita

## Chora et labora

· Chora e atraiçoa

## Banda desenhada

· Roman Spring

